

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 51/53
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

do tempo
após o
dece que tr
na notad
al, C
de 19
de 19

Drummond
o modo de
você um
Há q
A

DF
LETRAS
ORA
faz dez anos...

Roberto Freire
A DA
STIA

A ousadia
que deu
bons frutos

DF Letras

A N O S

**Pirajibana
enfeitiça telegrafista
de Salinas**

**A crítica e a crítica
dos "comunicólogos
de carteira"**

A cultura e as artes de um modo geral sempre refletiram a visão do seu tempo. Muitas vezes, só após anos e anos é que as obras e os autores que ousaram quebrar as “regras” do seu tempo são reconhecidos como geniais e futurísticos.

Quando a crítica literária acontece no campo estreito da visão imediatista do mundo, muitas injustiças são cometidas em nome de “purismos” e “modismos”. A vida intelectual é cheia de vicissitudes.

No panorama das artes brasileiras, os centros com tradição cultural, notadamente o eixo Rio - São Paulo, produzem a maioria das obras que são consumidas em todo o país, inclusive ditando “regras” e impondo “modelos”. Entretanto, a produção cultural não é privilégio desses centros. Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal têm dado excelentes contribuições à literatura brasileira e regional.

Nos seus 38 anos de existência, pelas suas próprias características de pólo aglutinador de brasileiros, Brasília tem reunido escritores de reconhecido mérito e de alto nível estético radicados na cidade. Os nossos escritores são publicados aqui e fora, como quaisquer outros que não residem nos grandes centros editoriais. E se assim não fosse, o que seria de Adélia Prado, que nunca saiu de Divinópolis? Ou de Herberto Sales que, por opção pessoal, hoje mora em São Pedro da Aldeia, no estado do Rio?

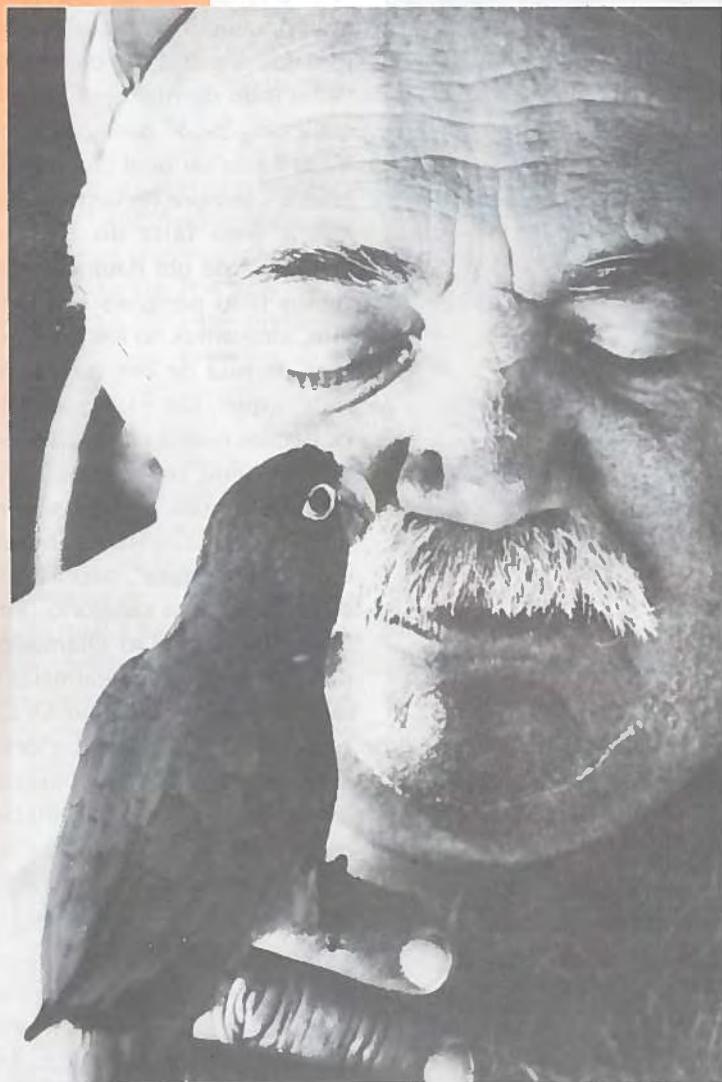
As nossas academias de cultura não se apequenam diante de suas congêneres no resto do país. O trabalho executado por elas tem reconhecimento em todo o país e no exterior, através da premiação de vários acadêmicos e de suas obras. Em todo e qualquer lugar existe a boa e a má literatura. Em Brasília não é diferente, mas a boa literatura supera em muito as obras pouco qualificadas. Existe, sim, literatura em Brasília!

Brasília tem orgulho de escritores como Stela Maris, Luci Watanabe, Clemente Luz, Nilto Maciel, Luiz Cláudio Cardoso, Wilson Pereira, Cassiano Nunes, Lourenço Cazarré, Anderson Braga Horta, José Hélder de Souza, Alan Viggiano, H. Dobal, Waldemar Lopes, Antônio Carlos Osório, Paulo Bertran, Napoleão Valadares, Hélio Póvoas Júnior, José Santiago Naud, Lina Del Pelozo, José Maria Leitão, Clovis Sena, Flávio Kothe, Francisco Alvim, João Carlos Taveira, Newton Rossi, Salomão Sousa, Viriato Gaspar, José Godoy Garcia, Alaor Barbosa, Emanuel Medeiros Vieira, Jair Vitória e muitos outros.

Luiz Estevão

Vice-presidente da Câmara Legislativa do DF

Um salto no abismo



de José Hélder
de Souza

Entrevista concedida a
João Carlos Taveira para a DF Letras

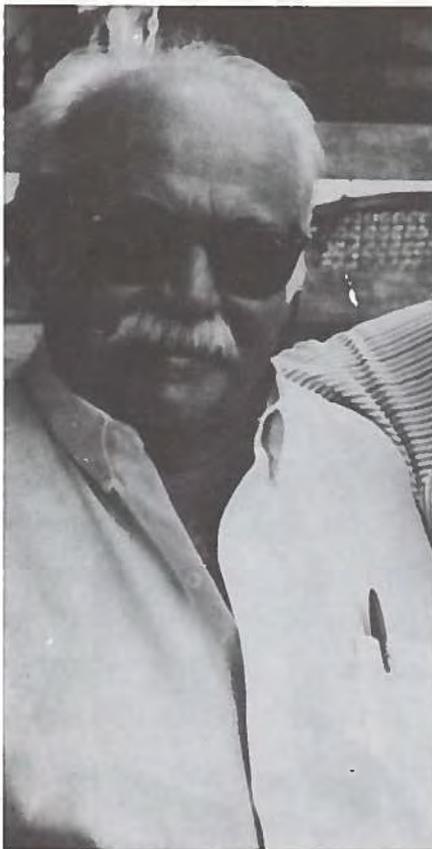
José Hélder de Souza (Massapê-CE, 1931), com 38 anos dedicados integralmente ao jornalismo e à formação literária de Brasília, nesta entrevista demonstra constante participação do movimento histórico, sem nunca perder a visão interpretativa da administração de Brasília e do País. Homem de profunda esperança, até mesmo a globalização, que é um fantasma para muitos, para ele "nunca será infinita, não irá além da capacidade de renovação da sociedade humana, mesmo a mais retrógrada e atrasada". Ser escritor em Brasília, em sua análise, "provoca invejas, os de outras cidades acreditando termos intimidades com os poderes centrais e favorecimentos, o que nem sempre é verdade". Mais adiante, afirma: "Há bons e péssimos escritores; há bons e ruins administradores, como há também corruptos e prevaricadores; todos se amam - como diria Menotti del Picchia em seu *Juca Mulato* - as estrelas no céu e os insetos na lama..."

Dono de uma vastíssima bibliografia, cabe destacar que José Hélder de Souza participa das antologias *A novíssima poesia brasileira* (1962), de Walmir Ayala; *Poetas do Ceará* (1983), de Raimundo Araújo; e de *A poesia cearense no século XX* (1996), de Assis Brasil.

DF Letras - A sua chegada a Brasília se deu na década de 1960. Qual o sonho que motivou sua transferência do Ceará para o Planalto Central?

JHS - Não houve propriamente um sonho. Sinceramente, o infortúnio foi o motivo, não digo o maior, mas um dos determinantes para o salto no abismo. Sou filho de pequenos burgueses com avô latifundiário. Porém isto não vale, não determina a vida prática de ninguém. Por boêmia, desfastio, tédio, ódio que, segundo o poeta Antônio Nobre, são *Moléstias d'alma para as quais não há remédio*, abandonei os estudos no segundo ano do curso clássico do Liceu do Ceará. Entrei para o jornalismo, meio clandestinamente - já havia, na época, faculdades de jornalismo - e sentei-me, por conta do ódio, numa banca de redator do jornal diário "O Democrata", órgão do Partido Comunista, sem, no entanto, abandonar o conforto do lar paterno. Foi em 1953, ano da morte de Joseph Stálin e o começo da derrocada do vago, impreciso ódio às instituições burguesas.

Ainda levemente ligado ao PC - nunca o abandonei propriamente, nem jamais deixei de acreditar no socialismo (sem Stálin!) - fui para o Rio de Janeiro. Trabalhei no jornal de frente democrática (mistura de comunistas, socialistas e outros democratas de vários matizes) "Emancipação", dirigido pelos oficiais da reserva marechal Felicíssimo Cardoso e seu irmão general Leônidas Cardoso (pai de Fernando Henrique Cardoso), deputado federal por São Paulo. Na verdade, quem o editava era Carlos Alberto Costa Pinto, baiano, e o cearense Maurício Pinto, ambos do velho PC. O jornal, de periodicidade incerta, defendia o "petróleo é nosso" e outras causas nacionalistas, vivia de doações de ricos profissionais liberais simpatizantes do PC ou da causa do petróleo, e quase sem nenhum anúncio. Remunerava mal e de



“Há escritores, jovens e velhos, moradores de Brasília, figurando, de quando em vez, em concurso ou publicações de outras terras”

modo também incerto. Vivi de favor no apartamento de um jovem médico pernambucano (não guardei seu nome, nem o de sua mulher, ambos filiados ao PC). Fui assim vivendo, até me abrigar, clandestinamente, na Casa do Estudante do Brasil, com amigos do Ceará. Ganhava mais uns trocados numa agência de notícias, passando matérias para São Paulo por telefone, depois das sete horas da noite. Um sufoco, os aparelhos funcionavam mal, tinha de repetir notícias, o que me levava a altas horas da noite. Depois a farra em botecos da Cinelândia. Dormia mal e comia menos. Veio assim uma recidiva da tuberculose con-

traída (também por desfastio e boêmia) aos 18 anos. Com 22 anos de idade, desiludido (a cachaça, às vezes, abafava a desilusão), tinha que regressar ao chamado lar paterno. Faltou então o necessário dinheiro para a passagem de volta.

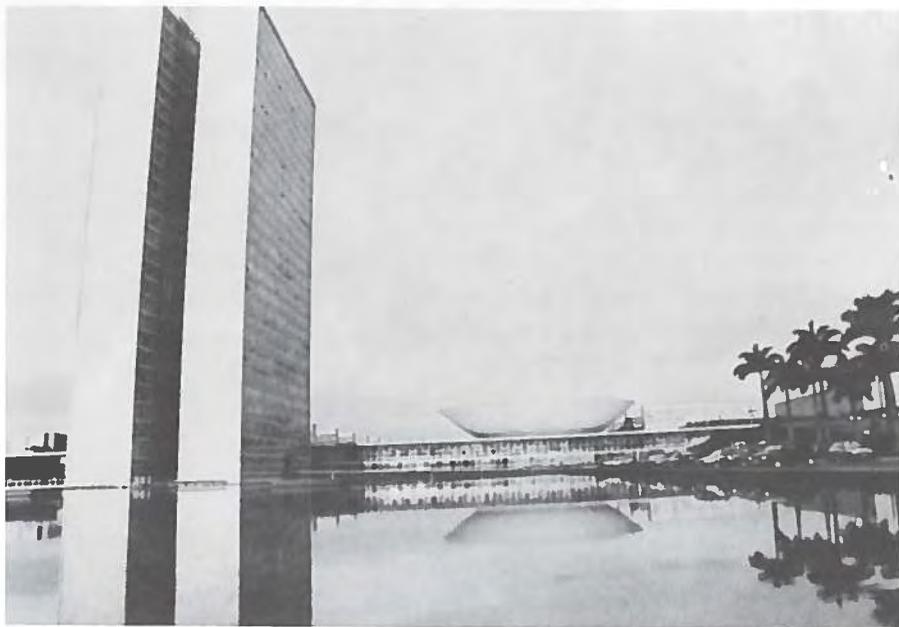
O pessoal do "Emancipação" conseguiu embarcar-me num antigo cargueiro, ocupando o que fora o camarote do telegrafista. O comandante, um velho lobo do mar aposentado e que fazia um "bico" navegando no arruinado navio ao qual chamava de "banheira", sempre reclamava da insegurança, pela falta do telégrafo, na iminência de um naufrágio. Mas passamos pelo perigoso mar dos Abrolhos, atracamos no Recife e, ao fim de uma derrota de uns quinze dias, desembarquei, são e salvo, embora com os bacilos roendo os peitos, no porto de Mucuripe, na Fortaleza. Voltei ao lar paterno - único filho homem aparado pela compreensão e amor do pai - e ao "Democrata", depois de meses de repouso num sanatório. Em 1956, o ano do turbilhão chamado Nikita Kruchev a fazer as denúncias dos crimes de Stálin e Béria, no XX Congresso do Partido Comunista, o jornal - também financiado por doações e um pouco da venda avulsa - foi definhando, até ser fechado por ordem do PC. Novo desemprego e desorientação, aos 24 anos.

Recolhi-me a penates, por uns meses, nas casas dos avós, na Meruoca, Massapê e Sobral, sertão norte do Ceará. Voltando para Fortaleza, felizmente, consegui emprego nas redações de "O Estado" e depois de "O Povo". Já tinha algum nome, publicava crônicas, contos e poemas nos suplementos dos jornais. Sempre enfasiado e nem sempre bem remunerado, metido à noite nos botecos e prostíbulos das praias, acompanhado de intelectuais amigos da boêmia, veio-me de novo a maldita tísica. Internei-me no sanatório dos comerciários por seis meses. Curado

pela estreptomicina, decidi partir e, com os trocados amealhados pela espécie de pensão do IAPC e uns tantos vindos da generosidade do pai, embarquei num avião da NAB - Navegação Aérea Brasileira, meio sem destino, em julho de 1960. Primeiro uma parada no Rio, ainda na Casa do Estudante, abrigado por meu amigo e eterno estudante de engenharia - formou-se depois de oito anos matriculado na faculdade -, José Sabóia Ribeiro.

Resumindo a mínima epopéia: em agosto, ainda com destino incerto, cheguei a Brasília. No Rio, o deputado federal José Colombo de Souza, meu parente, apontara-me o horizonte do Planalto Central no qual me ajudaria; abrigou-me, provisoriamente, no seu apartamento da 208 Sul; ele, a mulher e os filhos menores ainda viviam em Grajaú; aqui estavam só os maiores, José e Maurício. Nesses dias conheci o jornalista Jairo Valadares, colega de Colombo Filho no "Correio Braziliense" e "TV - Brasília". Jairo, por sua influência na Novacap, conseguiu-me um quarto no Hotel Dó-Ré-Mi, uma construção de madeira na beira do lago, no qual a Novacap abrigava, com todo conforto, roupa e cama e tudo mais, certos forasteiros e algumas personalidades. Ainda por intermédio do Jairo e do Colombinho, aproximei-me do "Correio Braziliense", no qual, com a generosidade e compreensão do conterrâneo Ari Cunha (com quem aliás trabalhara no Ceará) e de Edilson Cid Varela, empreguei-me como redator, depois secretário. Af terminaram - sem sonho algum - minhas vicissitudes, minhas agruras e cá estou definitivamente fincado. É claro que aderi à cidade, ao ideal mudancista pois lera muito, em revistas e jornais, nos meses de sanatório, sobre a Nova Capital. Foi fácil, assim, aceitar e adaptar-me à vida de Brasília.

DF Letras - Cassiano Nunes afirmou numa entrevista que Brasília, do ponto de vista literário, é uma espécie de túmulo para o escritor que decide nela radicar-se. Mesmo após ter-



“O governador Cristovam Buarque, com suas idéias de "governo popular e democrático", relaxou, deixou que os demagogos acabassem de esculhambar Brasília”

se aposentado, a sua decisão foi de permanecer em Brasília. Qual o segredo? O futuro está aqui?

JHS - Não há segredo, ou se quiserem, o segredo é a família. Saí do Ceará já praticamente noivo com Maria Neide. Qualquer oportunidade que havia, dava lá um pulo para namorá-la. Em 1961, um ano depois de vida em Brasília, fomos morar num apartamento de dois quartos, os primeiros da Asa Norte, conseguido junto à Prefeitura e ao então prefeito Paulo de Tarso, com a ajuda do Ari Cunha, assessor especial do gabinete do prefeito. Nele tivemos os primeiros filhos, Zuleika e Adriana. Não largamos de todo a Fortaleza, geralmente as férias eram lá. A família foi crescendo; na mudança para a 205 Sul, nos vieram Tereza e Pedro. Não havia motivo para o retorno ao Ceará, estávamos e estamos satisfeitos com Brasília, temos aqui vida estável. De fato, o futuro está

aqui: o neto Vítor e outros que, espero, hão de vir, nos enraizando cada vez mais neste chão do cerrado. Temos, além do mais, hoje, poucos parentes no Ceará, os amigos cada vez mais rareando, a idade, as doenças da velhice os levando, uma tristeza... Assim mesmo não deixamos de ir lá.

Quanto ao "túmulos" referido pelo meu amigo Cassiano, é discutível. Há escritores, jovens e velhos, moradores de Brasília, figurando, de quando em vez, em concurso ou publicações de outras terras. O próprio Cassiano Nunes é citado em dois números da "LB - Revista da Literatura Brasileira", editada em São Paulo por Aloysio Mendonça Sampaio, por seus trabalhos: *Cora e Lobato*, no número 7 da LB e no número 9, *Vinte vezes Cassiano*. Este mesmo número da LB traz uma referência ao *Bestiário Lírico*, de Antônio Carlos Osório, presidente da Academia Brasileira de Letras, e trabalhos de Ronaldo Cagiano e Emanuel Medeiros Vieira, hoje escritores bem brasilienses. Por sua vez, a revista literária "Blau", do Rio Grande do Sul, número 18, traz referências aos livros *Os avessos do espelho*, de José Santiago Naud (editora Thesaurus), *Caminho de estrelas*, livro póstumo de Maria Braga Horta, organizado por seu filho, o poeta Anderson Braga Horta,

e *Pura lira*, do diplomata Hélio Póvoas, aqui publicado. Já o jornal "O Escritor", da União Brasileira de Escritores, dirigido por Fábio Lucas e editado em São Paulo (número 82, outubro de 97), traz uma notícia sobre o livro de contos de Nilto Maciel, *Babel* e outra ainda sobre *Caminho de estrelas*, de Maria Braga Horta. Entendo Cassiano: é que ser escritor em Brasília provoca invejas, os de outras cidades acreditando termos intimidades com os poderes centrais e favorecimentos, o que nem sempre é verdade.

DF Letras - Em Brasília há produção literária que justifique maior atividade editorial?

JHS - É difícil a resposta. Destaco porém que há anos, não só Brasília como o Distrito Federal e até muni-

cípios vizinhos, de Goiás, contam com bom e moderno parque gráfico para qualquer tipo de feitura de revistas ou livros. Existe também já um bom número de editoras: a Thesaurus, a mais antiga delas e a André-Quicé, de Alan Viggiano e de seu filho Mário, estão aí dando seu recado. Por sua vez o Victor Alegria, da Thesaurus, diz ter cadastrado cerca de 600 escritores no Distrito Federal, naturalmente publicados por ele e, certamente, a maioria, opúsculos sobre assuntos diversos, poucos de vero caráter literário, alguns de versos frouxos e melosos, rememorando a morte da mãe ou pai do presumível escritor. Verdadeiramente, da relação do Victor, nos res-

“O governador do DF foi a negação política de quem lhe deu votos na esperança de que ele acabasse com as invasões. Uma decepção para quem vive defendendo Brasília”



tem talvez dez por cento de autênticos escritores, uns cinquenta ou sessenta. O que talvez haja é pouca produção de obras de real valor literário a ser notada e destacada pela crítica e aceita pelo público. É que nem tudo que reluz é ouro. É uma vasta questão a ser examinada e discutida. Encerrando porém este meu juízo, lembro que quase mensalmente (ou quinzenalmente?) há lançamentos de livros aqui escritos e publicados; o Carpe Diem é o maior centro de tais lançamentos.

DF Letras - Seu último livro de poesia, *Relvas do Planalto*, saiu em 1990; *Rios dos ventos*, de contos, em 1992. Considerando que já foi editada uma dezena de livros de sua au-

toria, por que a demora em publicar uma nova obra nestes últimos anos?

JHS - De certo modo a resposta está na questão anterior: produção rarefeita e distância de editores ou de editoras que acreditem nos meus escritos. Contudo, não estive inteiramente parado. De 90 para cá publiquei alguns ensaios que prezo, na Revista da Academia Brasileira de Letras, e que gostaria de enfeixar em livro, como: "Frasas eternas de Machado de Assis" (nº X), "Argila: um soneto de Raul de Leoni" (nº 13), "Versos de Petrarca na cadeia de mestre Elias" (nº 14) e "Notícia que se dá da morte do poeta Antônio Girão" (nº XI), além de poemas, crônicas e várias apreciações (não críticas, que não sou crítico) sobre alguns livros como o

de José Santiago Naud, "Os memoráveis signos de Santiago Naud". Alguns outros se encontram em outras publicações, como "A cultura das cidades", que sonho em ampliar e publicar em livro, pois nele procuro discutir a transformação da cultura ocidental por intermédio do som e da imagem, especialmente da televisão. Informo ainda ter nas mãos de José Salles Neto, da Associação dos Bibliófilos do Brasil, o livro *Pequenas histórias matutas* reunindo contos desta última fase de vida e que deverá sair muito breve. Planejo também reunir poesias num livro a ser intitulado *Viagem* - eu o faço de vagar, pois poesia é coisa muito difícil... e muito mais séria do que se ima-

gina. Estive presente, por outro lado, em antologias, a principal delas *A poesia cearense do século XX*, organizada pelo crítico Assis Brasil, que me deixou profundamente desvanecido por estar ao lado de José Albano, Antônio Girão Barroso, Aluísio Medeiros, Artur Eduardo Benevides, Gerardo Melo Mourão e muitos e muitos outros.

DF Letras - Além de parque editorial, o que está faltando para o escritor de Brasília?

JHS - Não cairei no lugar comum de dizer que falta apoio, incentivo e coisas que tais. Não, pelo menos nos anúncios oficiais; eles existem e os vemos também em entregas de tais benefícios, noticiados pela imprensa. Como já dissemos acima, pode ser falta de empenho e trabalho, talento dos escritores e, ainda mais, divulgação pública das atividades literárias. A arte literária é difícil, penosa, solitária, precisa nascer forte e com alguma perfeição para se impor; não basta a presunção de genialidade e de querer reconhecimento gratuito. Trabalho, talento e conhecimento da arte literária ou de outras artes, a gramatical e a lingüística inclusive, são fundamentais, a não ser que se pretenda conseguir tais incentivos e apoios por mera questão ou ingerência política, o que muitas vezes acontece, por influência de poderosos a amparar seus medíocres protegidos. Não estou generalizando. Há bons e péssimos escritores; há bons e ruins administradores, como os há também corruptos e prevaricadores; todos se amam - como diria Menotti del Picchia em seu *Juca Mulato* - as estrelas no céu e os insetos na lama...

DF Letras - O panorama da literatura atual é muito desanimador. A arte - sobretudo a poética - não tem apresentado nenhum compromisso com o novo. Tudo parece velho, para não dizer repetitivo. A que você atribui esta falta de explosão?

JHS - Ressaltemos, de início, que o



“Entre para o jornalismo, meio clandestinamente, e sente-me, por conta do ódio, numa banca de redator do jornal diário ‘O Democrata’, órgão do Partido Comunista”

marasmo criativo ou renovador é somente na literatura pura, mormente na poesia. O mundo cultural e artístico, generalizando, transformou-se inteiramente nestes últimos cinquenta anos, com o cinema e a televisão, a nova cultura da imagem e do som, coisa que a maioria dos intelectuais e escritores ainda não percebeu integralmente ou, simplesmente por presunção, recusa-se a aceitar - rádio, cinema e televisão, acham, são coisas vulgares, popularescas, inferiores às suas “divinas” manifestações e concepções literárias. Até a vulgarização eletrônica da cultura, digamos assim, só o alfabetizado, desde os gregos e romanos, alcançava a cultura e o conhecimento generalizado por meio da leitura dos livros. Hoje o analfabeto - caso não seja debilóide - recebe pela TV informações culturais várias, embora muitas vezes superficiais - o cinegrafista

Pedro Olavo, meu filho, costuma dizer que a televisão é um oceano de conhecimentos... com cinco centímetros de profundidade. Sem querer ser profeta, eu diria que a cultura ou literatura escrita, depois do reinado da imagem e do som, está entrando em decadência. Antes, as mulheres românticas e os homens apaixonados, mormente na juventude, liam ou pediam para lhes ler romances e novelas... Hoje, quedam-se horas esquecidos, vendo e ouvindo entrecchos dramáticos, patéticos ou trágicos - sentados na sala diante da televisão, em lares pobres e suburbanos ou em sofisticados bairros burgueses - das novelas da Globo. Isto é, queiram ou não muitos intelectuais, poetas e prosadores, ocorre uma funda transformação cultural acentuada ainda mais com modernos computadores que estão chegando, providos de imagem e som e redes de nível até mundial. O livro, sem desaparecer, pois serve também à cultura para a formação de sua cúpula ou nova elite, está em declínio e com ele as formas até então de cultura e de feitio literário. O espalhafatoso concretismo dos anos sessenta talvez tenha sido a mais dramática e fracassada tentativa de transmitir emoções com imagens de letras e frases em forma de imagens... sem sentido. Agora

talvez surjam - ou já surgiram e os intelectuais não perceberam ainda? - entre cineastas e operadores de televisão os novos "poetas", os renovadores das transmissões de emoções e idéias por meio de imagens e sons? Me responda quem souber...

DF Letras - Dentro do processo histórico das relações entre capital e trabalho, a sua visão crítica sempre esteve voltada para o social. O capitalismo, atualmente, se esconde atrás do neoliberalismo; o socialismo, por sua vez, ainda não se refez das quedas. O que se vê é uma grande massa de desempregados. Já é impossível a revolução? Onde estão os socialistas?

JHS - O socialismo - sem Stálin! -, como Minas, está onde sempre esteve. A crise mundial a se processar atualmente é intrínseca do capitalismo, o mais selvagem, principalmente na Ásia e nos chamados países emergentes. Vejam os desastres financeiros da Coréia, Tailândia e outros bichos. É um dos ciclos previstos pelo socialista Karl Marx. Onde vai dar, não se sabe ainda. Mas, muito provavelmente, irá para outras transformações políticas, sociais e econômicas. Quais? Os cientistas sociais, políticos e econômicos - que os há muitos, inclusive um na presidência da República Federativa do Brasil - que as diagnostiquem. Mas, como as bruxas dos espanhóis, que as há, há... Disputas de mercados, de predomínio econômico, social e político, somados a desemprego, fundas inquietações políticas com divergências ideológicas, disputas territoriais e diferenças raciais foram as causas das duas grandes guerras deste século - 1914/18 e 1939/45 - que abalaram o mundo, fenômenos parecidos com os atuais. Tudo parecido com as situações políticas e econômicas de hoje. Tomara não degenerem em outra ou outras guerras de conseqüências imprevisíveis, com os mísseis de ogivas atômicas e outros instrumentos mortais apontados para os peitos da humanidade. Os socialis-

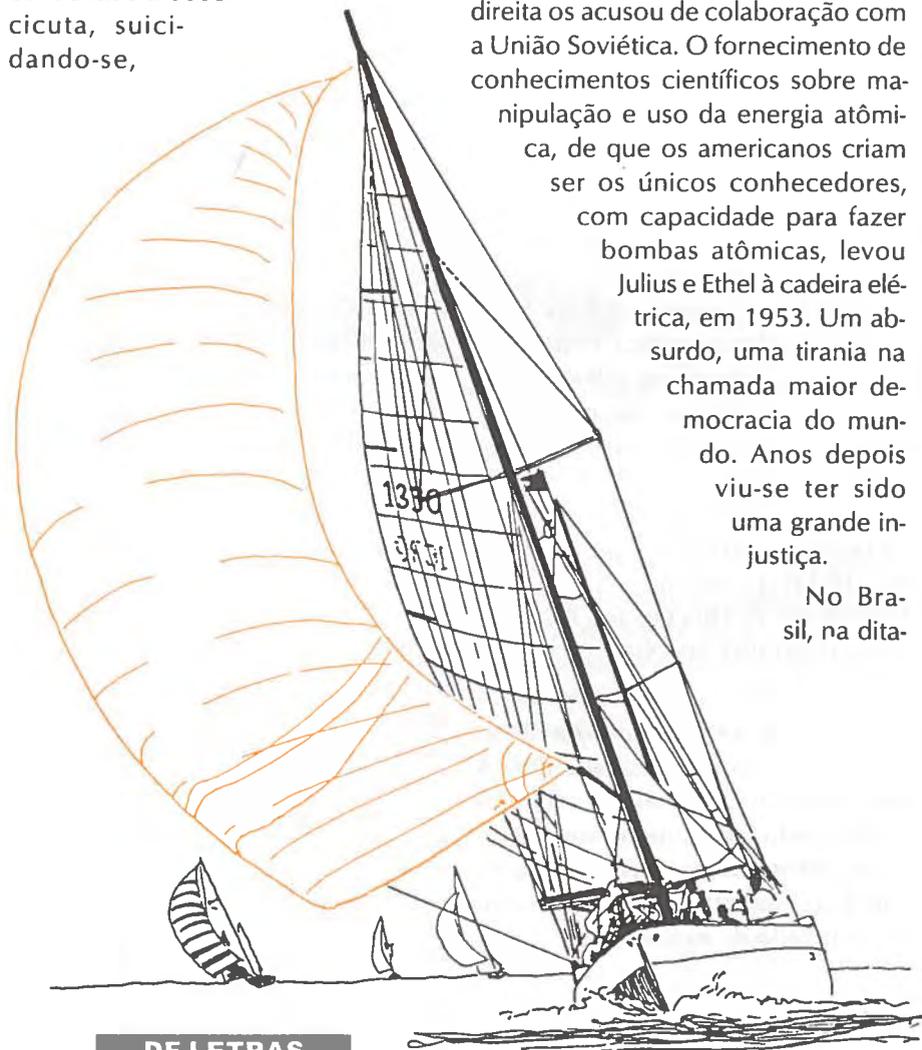
tas sem Stálin e Béria estão em posição de onde se possa debelar a crise e impedir a guerra, num mundo sem desemprego, sem grandes diferenças sociais e econômicas, com melhor distribuição de renda e a capacidade do Estado de prover e amparar todas as necessidades sócio-econômicas dos cidadãos, como nas democracias escandinavas - uma utopia, talvez mais uma...

DF Letras - Em alguns países, por contrariar a ordem dominante, um bom número de pessoas encontra-se no cárcere. Como você vê cassação dos direitos do indivíduo por divergências políticas?

JHS - Um absurdo, uma tirania, é claro. Mas, sem justificar, sem querer dar razão aos tiranos de hoje e de todos os tempos, parece uma sina da própria humanidade, desde os gregos. O filósofo Sócrates foi condenado a beber cicuta, suicidando-se,

por ser considerado pelos poderosos contrário aos costumes sociais e políticos da democracia - veja bem, democracia! - da República de Atenas. Giordano Bruno, cientista italiano, no albor da Renascença, por suas concepções científicas sobre o universo e negadoras dos dogmas da Igreja, foi queimado vivo pelo Santo Ofício da Inquisição, órgão judicial e político do Papado; na Revolução Francesa de 1789, o poeta André Chenier aderiu inteiramente às idéias dos revolucionários, mas, depois, quando discordou do curso dos acontecimentos políticos, foi guilhotinado. São inúmeros os casos no decorrer dos séculos. Neste século em crepúsculo, o caso mais notório e grave foi o do casal de cientistas nucleares Julius e Ethel Rosenberg, americanos descendentes de judeus. O histerismo do próprio Estado americano contra o comunismo e toda uma poderosa ideologia de direita os acusou de colaboração com a União Soviética. O fornecimento de conhecimentos científicos sobre manipulação e uso da energia atômica, de que os americanos criam ser os únicos conhecedores, com capacidade para fazer bombas atômicas, levou Julius e Ethel à cadeira elétrica, em 1953. Um absurdo, uma tirania na chamada maior democracia do mundo. Anos depois viu-se ter sido uma grande injustiça.

No Brasil, na dita-

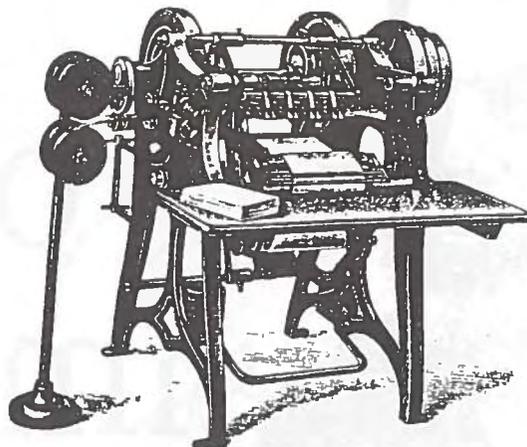


dura militar, houve casos graves, execuções cruéis, mas não públicas, como o caso Rosenberg, e que só viríamos a saber anos depois, removidos os porões da clandestinidade dos policiais e militares executores da política de repressão. O fato é que o poder, absoluto ou não, sempre quer perpetuar-se. Por isso, não perdoa seus adversários, matando, encarcerando ou simplesmente alijando da vida política quem lhes contesta. Daí nascerem, e nascem, os movimentos revolucionários dos insatisfeitos, nem sempre heróicos vencedores, nem sempre totalmente vencidos.

DF Letras - O governo de Cristovam Buarque atendeu às expectativas da esquerda?

JHC - Diria, sem sofisma, ser difícil qualquer governo de bases políticas populares e de aspectos ou fundamentos utópicos atender aos anseios de todos, de todos os utopistas... Cristovam, com suas idéias de "governo popular e democrático", relaxou, deixou que os demagogos acabassem de esculhambar Brasília e a higidez do plano da cidade e do Distrito Federal. Permitiu a continuidade da política de assentamentos populacionais de fundamentos políticos e maléficos e com finalidades de especulação imobiliária. Toda vez que o governo anuncia doação de lotes ou regulamentação de invasões, uma nova onda de pessoas da periferia e até de terras longínquas vem em procura da felicidade de ser proprietário de um pedaço de terra, isto desde os tempos de Juscelino. Cristovam Buarque foi a negação política de quem lhe deu votos na esperança de que ele acabasse com invasões e esculhambações urbanísticas e arquitetônicas do Distrito Federal. Uma decepção, para quem vive e viveu construindo e procurando defender Brasília em sua essência. Vote governo popular e democrático!

DF Letras - O que resta ao poeta, depois que os ideais revolucionários



“Há anos, não só Brasília como até municípios vizinhos, de Goiás, contam com bom e moderno parque gráfico para qualquer tipo de feita de revistas e livros”

foram massacrados pela globalização?

JHS - A esperança, toda esperança, no homem e em toda sua capacidade de criar, de modificar a si mesmo e ao mundo circundante. A tão propalada globalização é passageira, pode até durar cem anos - o que duvido - mas terminará com o homem trilhando novos caminhos, até o das estrelas ou do cosmo. Sempre surgirá um homem novo, uma sociedade nova depois de crises políticas e sociais; a dúvida é se esta será a última. A tal globalização não será nunca infinita, não irá além da capacidade de renovação da sociedade humana, mesmo a mais retrógrada e atrasada. Vejam os resultados de tal situação nos desastres financeiros e econômicos da Coreia e da Tailândia...

DF Letras - Viremos o disco. A “Sexta Sinfonia de Tchaikovsky” con-

tinua sendo a grande companheira daquele uísque de fim de tarde?

JHS - Sim! A vida, algumas vezes, como queria o poeta Júlio Salusse, não é manso lago azul, por isto segue-se o conselho de Baudelaire num de seus *Pequenos poemas em prosa*: “Embriagai-vos de vinho, de poesia ou de virtudes e de música”. Eu acrescentaria que pode ser também de Villalobos...

DF Letras - E o tambaqui na brasa é um prazer ou desculpa para reunir amigos?

JHS - As duas coisas, num bom espaço campestre, como minha chácara do Bamburral, com um bom vinho e o tambaqui ou pacu pescados no Pantanal, digeridos ao som de uma conversa tranqüila e despreocupada, entremeadas de anedotas que podem ser fesceninas...

DF Letras - Agora, a pergunta de sempre. Qual o seu processo de criação? Quando e como nasce o poema?

JHS - De repente. Muitas vezes, ao despertar, nas insônias da madrugada, surge uma idéia, um simples verso, uma lembrança fugidia... A inspiração existe, que o diga a moderna e trepidante Hilda Hilst e os poetas antigos. O que é necessário, muitas vezes, é domá-la, burilá-la, como também se dizia outrora. Aquela pequena fagulha de inspiração, digamos, deve-se procurar transformar num fogaréu, trabalhando com arte, é claro, os nomes e os verbos, como diria Platão, o que nem sempre se consegue. As conquistas são árduas e “toda lua é atroz, todo sol é amargo”, dizia Artur Rimbaud. Concluamos ainda com este poeta francês: “Esta inspiração prova que sonhei”... estávamos sonhando, de madrugada, e corremos para a escrivania na tentativa, algumas vezes frustrada, de construir um poema. É assim que sofremos, ou, às vezes, rimos e gozamos no consciente fazer literário...



A obra imortal de

MACHADO de Assis

Filho de um pintor e de uma lavadeira, Machado de Assis foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Da infância pobre aos salões da nobreza que veio a frequentar, quando famoso, Machado de Assis é leitura obrigatória de todos aqueles que apreciam a literatura brasileira.

□ **ROMEU BARBOSA JOBIM**

Dia 20 de julho de 1897, como um de seus fundadores e primeiro presidente, Machado de Assis declarava aberta a sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras.

Joaquim Maria Machado de Assis, filho do mulato pintor de casas e dourador Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, nasceu no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, e naquela cidade veio a falecer com pouco mais de 69 anos, dizendo o atestado de óbito que este se verificou em 29 de setembro de 1908, na Rua Cosme Velho, 18, e que a *causa mortis* foi arteriosclerose. O casal Francisco/Maria

Leopoldina, agregado à chácara da família de Maria José de Mendonça Barroso, teve também uma filha, cedo falecida, vindo seu pai, que logo enviuvaria, a unir-se à também mulata Maria Inês, que teria ensinado as primeiras letras ao escritor, que a chamava de madrinha.

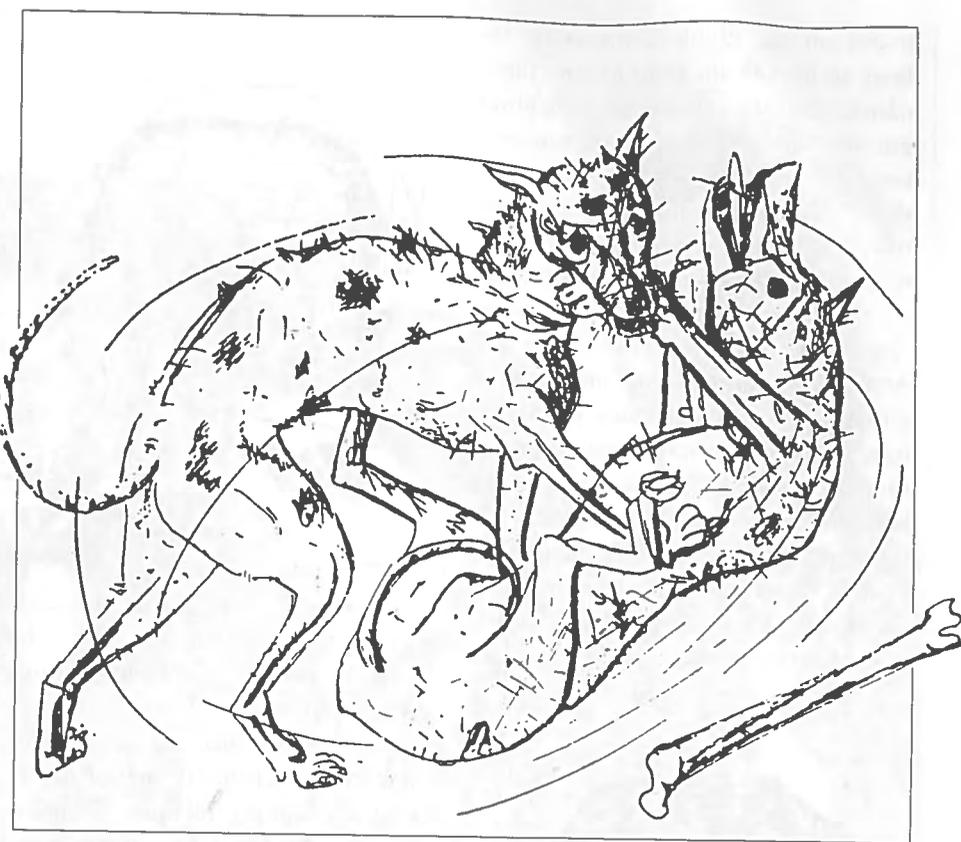
Também o pai do pequeno Joaquim Maria sobreviveu por pouco tempo e Maria Inês empregou-se como cozinheira em um colégio, cabendo ao enteado a venda de balas e outras guloseimas por ela preparadas. Consta que uma das garotas do educandário, dentre as que compravam a doce mercadoria vendida pelo pequeno órfão, se tornou mais tarde a Baronesa de São Mamede, cujos

salões o escritor veio a freqüentar, quando famoso. Sabe-se também que um padeiro de nome Gallot, estabelecido na Rua São Luiz Gonzaga, onde fazia compras para a madrinha, o iniciou no estudo do francês. Sacristão da Igreja da Lampadosa, seu vigário também lhe teria ministrado os primeiros conhecimentos de latim.

Aos 16 anos de idade, em 1855, Machado de Assis publica o poema "Ela", na *Marmota Fluminense*, revista em que colabora até 1861. Quando isso ocorre, começa a freqüentar a livraria de Paula Freitas, de cuja roda literária participavam Caetano Filgueiras, Casimiro de Abreu, Macedo Júnior e outros. Em 1856 entra como aprendiz na Tipografia (hoje Imprensa) Nacional, dirigida pelo romancista Manuel Antônio de Almeida. Ali trabalha até 1858, quando se transfere para a tipografia de Paula Brito, como revisor de provas, função que também exerce no "Correio Mercantil". Está definida a linha de atuação de Machado de Assis, que colabora sucessivamente em diversos jornais e, aos 25 anos, em 1864, estréia em livro, publicando *Crisálidas*.

Em 1867 conhece Carolina Augusta Xavier de Novais, natural do Porto e irmã do poeta português e seu amigo Faustino Xavier de Novais, com ela casando-se em 12/11/1869. A par da atividade literária, exerceu algumas funções públicas, como primeiro-oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas (1873), indo a chefe de seção em 1876 e a oficial de gabinete em 1880. Em 1889 ocupa a Diretoria-Geral do Comércio e, em 1892, é nomeado diretor-geral da Viação, cargo que exerce até 1897. Em 1904 lhe falece a esposa e, quatro anos depois, licencia-se dos encargos públicos, para tratamento de saúde, sendo publicado então seu último livro, o *Memorial de Aires*.

Dizer da obra de Joaquim Maria Machado de Assis não é tarefa de fá-



cil desincumbência, sobretudo no angusto tempo de que disponho. Dele, contudo, a primeira coisa a observar é que foi um extraordinário polígrafo, versando vários gêneros literários, em todos eles com marcante e inconfundível traço pessoal. Assim é que, no plano poético, além de *Crisálidas*, em 1864, como já mencionado, publicou *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Ocidentais*, esta coletânea acrescentada, em 1901, ao volume *Poesias Completas*. Se nos dois primeiros livros é de registrar o acento romântico, mas vazado em linguagem clássica e de comedido lirismo, no seguinte é de apontar o indianismo, aí sobressaindo poemas como "A Flor do Embiruçu", "Sabina" e "Última Jornada". Em *Ocidentais* contudo é que, no consenso dos críticos, se encontram seus poemas de maior expressão, como "O Desfecho", "Círculo Vicioso", "Uma Criatura", "Mundo Interior", "Suave Mari Magno", "A Mosca Azul", "Spinoza", "No Alto", "Soneto de Natal", "A Carolina" e outros.

Tenho para mim que, se Machado

de Assis não tivesse sido o prosador que foi, sobretudo no trato da crônica, do conto e do romance, só a obra poética que nos legou seria suficiente a consagrá-lo em nossa literatura. Costumo afirmar que, com ele, se verificou o oposto do ocorrido com Carlos Drummond de Andrade. Este, como consabido, foi um grande prosador, e de linha machadiana, mas o fato não é ressaltado, ante a dimensão do poeta.

Dois gêneros, a rigor subgêneros, também versados por Machado de Assis, foram o teatro e a crítica, anotando os comentadores que suas peças, embora bem escritas, como tudo que produziu, se destinam mais à leitura que à representação. Trata-se de algo, contudo, que igualmente resistiu à ação do tempo, valendo mencionar, a este ensejo, a comédia ou drama *Tu, Só Tu, Puro Amor*, cuja finalidade foi comemorar o tricentenário de Camões em 1880, bem como as comédias *Quase Ministro* (1862) e *Lição de Botânica*.

No tocante à crítica, cuida-se de

plano em que granjeou merecido relevo, só não alcançando maior culminância porque sempre se constituiu em atividade secundária, ou circunstancial. Em dois campos, sobretudo, desenvolve-se sua atuação como crítico: o do teatro e o literário propriamente dito. Assim, se no primeiro cumpre ressaltar as apreciações de autores como Antônio José, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves de Magalhães, entre outros, na crítica propriamente literária são de referir os ensaios em torno da literatura brasileira da época (1873), o em que anuncia *O Primo Basílio* de Eça de Queirós (1878), e aquele em que focaliza a nova geração (1879), com segura e aprofundada meditação



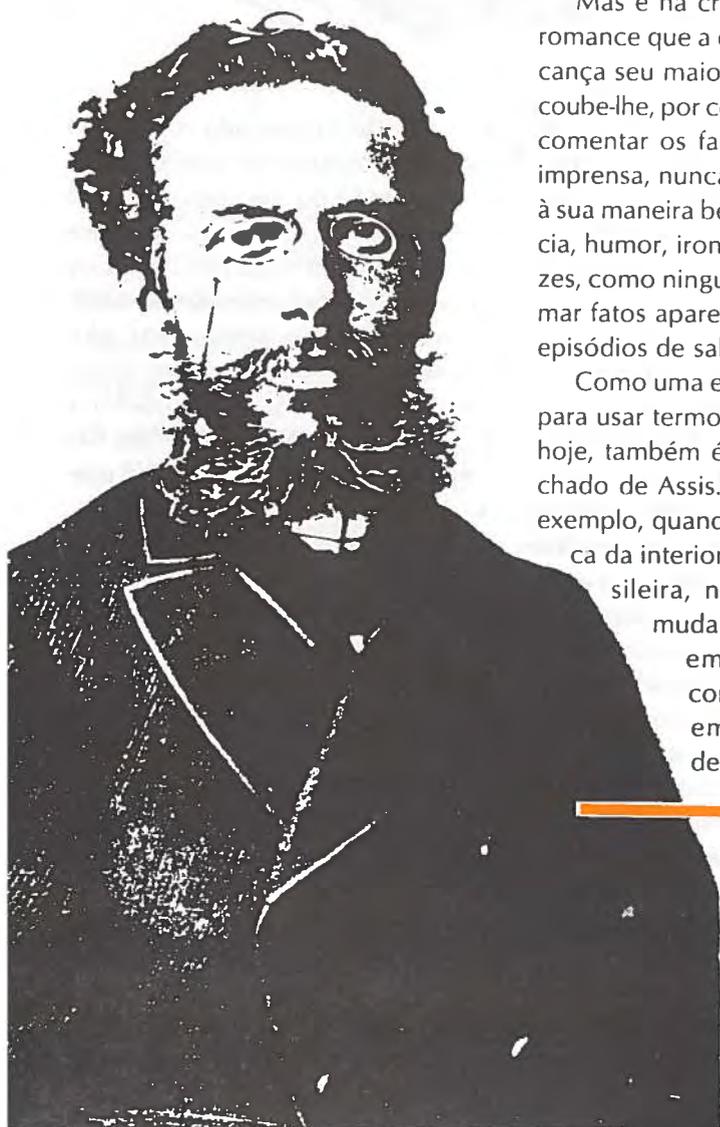
acerca do realismo e do parnasianismo, de que se tornou um dos primeiros teóricos.

Mas é na crônica, no conto e no romance que a estrela machadiana alcança seu maior esplendor. Cronista, coube-lhe, por cerca de quarenta anos, comentar os fatos do cotidiano na imprensa, nunca deixando de o fazer à sua maneira bem típica, com elegância, humor, ironia e ceticismo por vezes, como ninguém sabendo transformar fatos aparentemente miúdos em episódios de saborosa grandeza.

Como uma espécie de futurologia, para usar termo em voga nos dias de hoje, também é de surpreender Machado de Assis. É o que sucede, por exemplo, quando, discreteando acerca da interiorização da capital brasileira, não só se revela um mudancista convicto, e isso em diversas ocasiões, como chega a escrever, em crônica de 1893, depois de discorrer so-

bre a localização e o nome da nova cidade, trechos como (*Obras Completas*, v. 26, p. 217, Jackson, 1953): "A capital da República, uma vez estabelecida, receberá um nome de veras interessante em vez deste que ora temos, mero qualificativo. Não sei se viverei até a inauguração. A vida é tão curta, a morte tão incerta, que a inauguração pode fazer-se sem mim, e, tão certo é o esquecimento, que nem darão pela minha falta." Prossegue: "Mas, se viver, lá irei passar algumas férias, como os de lá virão aqui passar outras." Arrola, em seguida, o que ficará sempre com os cariocas, da relação constando a baía, a esquadra, os arsenais, os teatros e outras entidades que compunham a época.

Noutra crônica mudancista, esta de 1896 (*Idem, ibidem*, v. 28, p. 197), teve ocasião de escrever a propósito de uma futura ponte Rio-Niterói: "Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe, lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro. A ponte ligará os dois Estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de capital de si mesma a capital de um grande Estado único, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da água restituirão Petrópolis aos veranistas e

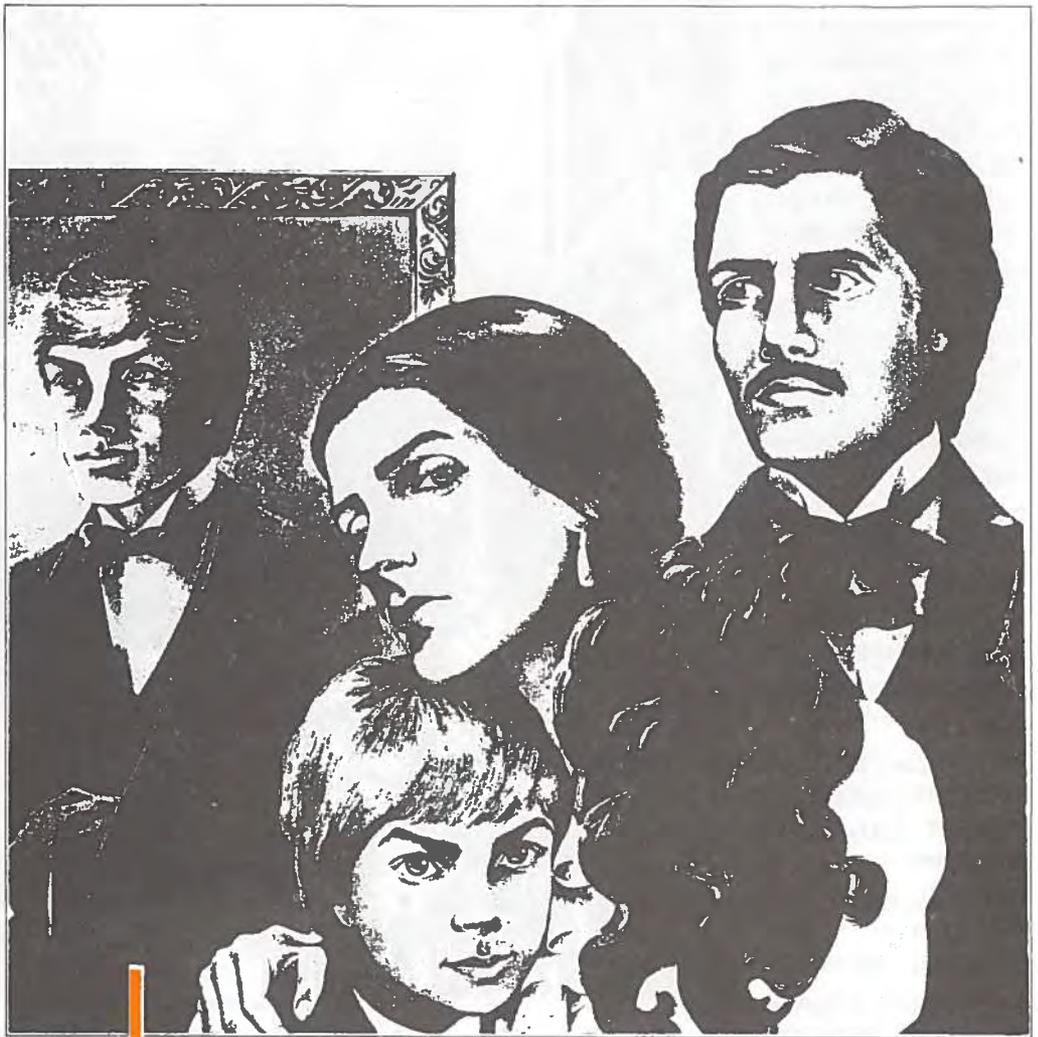


Machado aos 40 anos. Nessa época, escrevia uma de suas obras-primas: Memórias Póstumas de Brás Cubas

seus recreios. Unidos, seremos alguma coisa mais que separados e, sem desfazer nas outras, a nossa capital será forte e soberba."

Como contista, os estudiosos assinalam duas fases em Machado de Assis: a romântica, com os livros *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*, e a realista, constante das coletâneas *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias*, *Páginas Recolhidas* e *Relíquias de Casa Velha*. Só quem já se proporcionou o prazer da leitura de uma história do grande mestre pode realmente saber o que isso significa, tais os ingredientes utilizados em seus trabalhos. Embora cada um de nós se reserve o direito de elaborar uma lista daqueles em que atingiu maior grandeza, alguns de seus contos unanimemente consagrados são "Uns Braços", "O Alienista", "Missa do Galo", "A Cartomante", "Noite de Almirante", "Cantiga de Esponsais", "Idéias de Canário", "Um Apólogo", "Teoria do Medalhão", "Último Capítulo" e "Trio em Lá Menor".

No concernente ao romance, também duas fases costumam ser assinaladas: a romântica, com *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), e a realista, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1900), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Dizer qual desses livros é o melhor constitui tarefa que ninguém, em sã consciência, há de atribuir-se, inclinando-se os apreciadores da obra do excelso mestre em que guardariam ordem ascensional, à exceção dos dois últimos (*Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*), quando agravados se acha-



Machado foi um excelente escritor, versando vários gêneros literários, em todos eles com marcante e inconfundível traço pessoal

vam os males que o afligiam.

Josué Montello, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, publicou, faz pouco, *Memórias Póstumas de Machado de Assis*, livro que vinha sendo anunciado e que o escritor nos informa ser o resultado de alguns anos de trabalho. Trata-se de pesquisa interessantíssima, feita ao longo da obra do grande polígrafo, toda no sentido de, nela, selecionar o memorialístico, o resultado tendo sido um volume de mais de setecentas páginas. Nesse livro, Josué também nos dá notícia do propósito de Machado: o de escrever suas memórias ele próprio, em conformidade com correspondência a

José Veríssimo, intento que não logrou efetivar.

De observar, na obra machadiana, é que, seja na prosa, seja na poesia, seus traços distintivos sempre se evidenciam, independentemente de se cuidar da primeira fase, tocada por um romantismo comedido, ou da segunda, por um realismo contido. E sinete característico, em ambas, é a acuidade psicológica, o estilo bem próprio, o apuro da linguagem e a arte inigualável de conceber, desenvolver e encerrar suas histórias. No atinente ao romance, ao demais, já é de realçar o uso do chamado tempo psicológico, no que é pioneiro à época, quando predominava, na narrativa, a utilização do simplesmente cronológico, revestindo-se aquela de andamento apenas linear.

Note-se que isso não passou despercebido a Josué Montello, tanto que, no prefácio do livro mencionado, res-

salta a importância da memória na segunda fase da obra machadiana, o que depois iria acontecer com Marcel Proust que, como sabemos, veio a ser a grande figura no uso dessa vertente, em seu famoso *Em Busca do Tempo Perdido*. Conta Montello que, impressionado com a transformação do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o crítico Nestor Victor resolveu interpelá-lo sobre a razão da mudança, dele recebendo esta resposta: "Não sei, mas talvez viesse do seguinte: *Brás Cubas*, em grande parte, não foi escrito, foi ditado à minha mulher. Foi ditado porque eu estava quase cego. Atacaram



A rua do Ouvidor era o ponto chic na época de Machado de Assis. As pessoas se reuniam ali, em elegantes cafés e confeitarias, para passarem as tardes

me uma moléstia dos olhos, que só depois de muito trabalho se foi."

Na oração de "Adeus a Machado de Assis", em 30 de setembro de 1908, Rui Barbosa, em nome da Academia Brasileira de Letras e naquela linguagem lapidar que o singularizava, enfatizou que não se referia (referindo-se) ao "clássico da língua", ao "mestre da frase", ao "árbitro das letras", ao "filósofo do romance", ao "mágico do conto", ao "joalheiro do verso", ao "exemplar sem rival entre os contemporâneos da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer", mas ao "que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom". Acrescentou Rui: "A dor lhe aflorava ligeiramente aos lábios, lhe roçava ao de leve a pena, lhe ressumava sem azedume das obras, num ceticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgência e receio, com os seus toques de malícia a

sorrirem, de quando em quando, sem maldade, por entre as dúvidas e as tristezas do artista."

Vinte e cinco anos depois da morte de Machado, Humberto de Campos, em crônica intitulada "O Menino do Morro", focalizou o que teria sido a infância e a adolescência do grande escritor, arrematando:

"Há um quarto de século, no dia de hoje, morria o filho triste do pobre e honrado Chico Pintor, do Morro do Livramento. E terá, dentro de poucas horas, a sua homenagem. Rapazes que lhe amam a obra e lhe admiram a vida, e que fundaram uma instituição que o tem por patrono, irão, hoje, cobrir de flores seu túmulo. Farão mais: irão à Escola Municipal que tomou o nome do pequenote do Morro do Livramento, e distribuirão, por todos os alunos, a história da vida humilde do sacristão da Lampadosa. E dir-lhes-ão:

- Meninos, o filho da Maria

Leopoldina, lavadeira da roupa dos brancos, chamou-se Joaquim Maria Machado de Assis. Glorificai seu nome! Honrai sua memória!"

Depois de quase um século da morte do grande escritor, verificamos que se encontra cada vez mais vivo, na imortalidade de sua obra. Nesta condição e dimensão, não estava apenas em Brasília, quando esta se inaugurou, contrariamente ao dito na crônica lembrada, mas ainda aqui, no Rio, no Brasil e em todo o mundo,

continua e continuará, graças a quanto escreveu para a maior grandeza do ser humano, mesmo porque, de acordo com verso de sua autoria, inscrito em seu monumento, no jardim da sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio, "esta é a glória que fica, eleva, honra e consola".

Para encerrar este estudo sobre Machado de Assis, reproduzimos alguns de seus poemas. Refiro-me a "A Carolina", "Círculo Vicioso" e "Soneto de Natal", três poemas que enobreceriam qualquer literatura e que tivemos a dádiva de haverem sido compostos por um brasileiro, em língua portuguesa. Trata-se de páginas muito conhecidas, mas nem por isso menos dignas de repetição: como as grandes jóias, têm mesmo é que ser exibidas.

"A Carolina", dedicado à esposa, morta quatro anos antes dele, foi escrito em versos decassilábicos:

Querida, ao pé do leito
 derradeiro
 Em que descansas des-
 sa longa vida,
 Aqui venho e virei, po-
 bre querida,
 Trazer-te o coração do
 companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto
 verdadeiro
 Que, a despeito de
 toda a humana lida,
 Fez a nossa existência
 apetecida
 E num recanto pôs um
 mundo inteiro.

Trago-te flores, - restos
 arrancados
 Da terra que nos viu
 passar unidos
 E ora mortos nos deixa e separa-
 dos.

Que eu, se tenho nos olhos
 malferidos

Pensamentos de vida
 formulados,

São pensamen-
 tos idos e vividos.

"Círculo Vici-
 oso", talhado
 em versos ale-
 xandrinos:

Bailando no
 ar, gemia inquie-
 to vaga-lume:

"Quem me
 dera que fosse
 aquela loura es-
 trela,

Que arde
 no eterno



**Machado de Assis fotografado
 ao lado de personalidades
 importantes de sua época.
 O primeiro à direita de
 Machado é Joaquim Nabuco**

azul, como uma eterna vela!"

Mas a estrela, fitando a lua, com
 ciúme:

"Pudesse eu copiar o transparen-
 te lume,

Que, da grega coluna à gótica ja-
 nela,

Contemplou, suspirosa, a fronte
 amada e bela!"

Mas a lua, fitando o sol, com aze-
 dume:

"Mísera! Tivesse eu aquela enorme,
 aquela

Claridade imortal, que toda a luz
 resume!"

Mas o sol, inclinando a rútila capela:

"Pesa-me esta brilhante auréola de
 nume...

Enfara-me esta azul e desmedida
 umbela...

Por que não nasci eu um simples
 vaga-lume?"

É o seguinte, finalmente, o conhe-
 cido "Soneto de Natal", em versos he-

róicos ou decassilábicos:

Um homem, - era aquela noite amiga,
 Noite cristã, berço do Nazareno, -
 Ao relembrar os dias de pequeno,
 E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e
 ameno

As sensações da sua idade antiga,
 Naquela mesma velha noite amiga,
 Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca
 Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa
 e manca,

A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro
 adverso,

Só lhe saiu este pequeno verso:

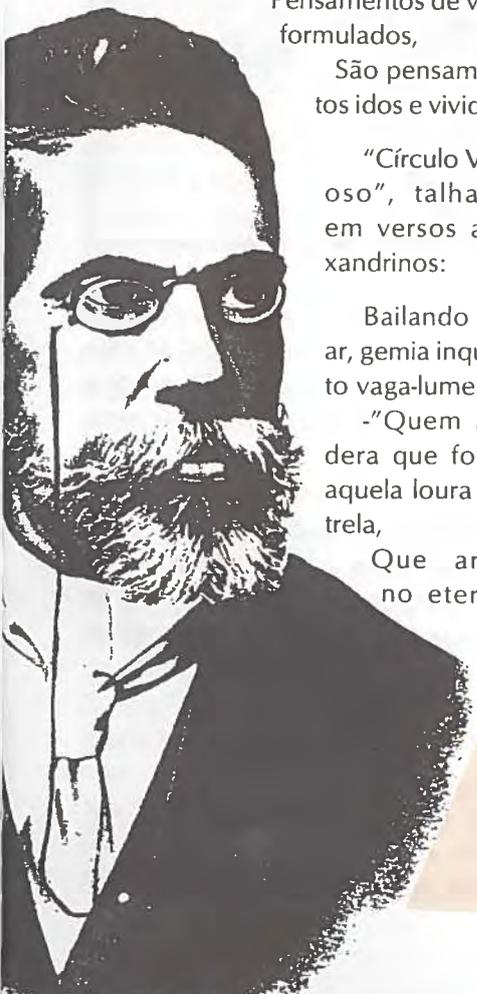
"Mudaria o Natal ou mudei eu?"

ALGUMAS OBRAS DE MACHADO DE ASSIS

Crisálidas
 Americanas
 Ressurreição
 A Mão e a Luva

Helena
 Iaiá Garcia
 Memórias Póstumas
 de Brás Cubas

Quincas Borba
 Dom Casmurro
 Esaú e Jacó
 Memorial de Aires



Querido Fischer,

Normalmente, quando sinto muita saudade sua, mergulho nas caixas onde estão suas fotos, correspondências, registros para uma viagem fantástica de conhecimento da literatura brasileira. Todos estão ali! De Manuel Bandeira a Jorge Amado...



A

s coisas aqui na Terra continuam como sempre: insanos brincando com bombas atômicas, homens exterminando animais, plantas, exterminando outros homens, matando a vida.

É verdade, claro, que, no meio dessa loucura toda, há os que são de bem, os que acreditam nos seus ideais; os grandes realizadores, que de uma forma ou de outra tentam fazer com que a consciência humana prospere. Certa vez, eu perguntei a você o que fazer com esses medíocres de expediente rasteiro e covarde que pautam suas vidas à sombra dos que já se foram.

"Nada, meu filho", você respondeu. "Esses são de conteúdo débil, se esfacelam a qualquer sinal de dignidade e verdade. A vida se encarrega de separar o joio do trigo".

Normalmente, quando sinto muita saudade sua, mergulho nas caixas onde estão suas fotos, correspondências, registros para uma viagem fantástica de conhecimento da literatura brasileira. Todos estão ali! Manuel Bandeira, Adonias Filho, Raquel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Rubem Braga, Ciro do Anjos, Ledo Ivo, Renard Perez, Lígia Fagundes Telles, Jorge Amado, entre outra enormidade de grandes escritores. Todos, sem exce-

ção, com um profundo carinho e uma grande admiração por você. Só um romancista, contista e ensaísta que você foi, extremamente sensível e isento, conseguiria preencher uma lacuna da crítica literária brasileira com tanto prestígio. A obra reunida em seis volumes de O áspero ofício conquistou, com a primeira série, o prêmio Assis Chateaubriand da Academia Brasileira de Letras. Anteriormente a mesma academia já lhe havia conferido o prêmio Afonso Arinos por O homem de duas cabeças, contos, lembra-se?

Outro dia, conversando com seus amigos, que agora são meus também, na sede da Associação Nacional de Escritores (ANE), uma das entidades que você fundou, falávamos sobre sua mudança para Brasília lá pelos idos de 60. De cara, você acreditou no sonho de Juscelino, transferindo toda sua vida literária do Rio de Janeiro para a nova capital. Ah, a sede definitiva da ANE ficou muito boa, diga-se de passagem! O ofício foi áspero, mas a cidade soube reconhecer: Edifício Escritor Almeida Fischer e Cidadão Honorário de Brasília, que beleza! Sim, conversávamos sobre como você escreveu sobre a nova cidade que seu coração adotara: O rosto perdido, romance, Contistas de Brasília, Nova luz ao longe, contos, com o qual ganhou o prêmio Prefeitura do Distrito Federal. Lembrávamos, também, as várias entidades que você ajudou a fundar, além da ANE: Academia Brasiliense de Letras, Sindicato dos Escritores e, por último, a Academia de Letras do Brasil. "Fischer era o homem dos suplementos literários, o pastor das letras", disse um, naquelas rodas bem divertidas de que você bem se lembra... Foram quantos? O Letras e artes (1946/1954) na velha capital; o Enfoque, literatura e arte

Os falsários

Aprendi a respeitar, mas sem medo,
a vida que encontrei pelo caminho,
tão cheia de maldade e traições.
Enfrentei peçonhas e falsidades,

- os mediócrs posando de gênios
e enganando seres desprotegidos
que se deslumbram com as aparências.

A dura luta fez de mim um homem
que agora já não tem medo de nada.
Pode sangrar a alma e doer o corpo

que vou em frente, de cabeça erguida,
disposto a enfrentar os fanfarrões
no campo raso das confrontações.

É preciso que a luz volte a brilhar
antes que o caos se instale de uma vez.

Almeida Fischer

(1972/1973) já em Brasília e, ultimamente, na década de 90, o BsB Letras. Isso sem falar nas revistas, coletâneas e coleções que você editou. Uma das coleções me chamou bastante atenção: 10 contos escolhidos, editada pela Horizonte Editora, na qual o seu amigo Bernardo Élis abrilhantou a turma de grandes cientistas ali elencados. Não sei por que ele me veio à cabeça. Você sabe que eu gosto muito do conto.

Bem, meu pai querido, eu e meus irmãos estamos bem. Procuramos seguir sempre o caminho que você e minha mãe nos legaram, o da verdade. Relembrei um pouco sua trajetória para ter como referencial a possibilidade de ser de bem e conseguir êxito na trilha da evolução humana. Muitíssimo obrigado. Tentarei ser grande dentro de meu pequenino tamanho.

Fabio Rivas

Fábio Rivas de Almeida Fischer é filho do escritor Almeida Fischer, jornalista e funcionário da CLDF.

□ SALOMÃO SOUSA

Temos de assumir o mundo da visualização, sem que seja um universo só plástico, mas de signos lingüísticos. A poesia exige despojamento na página. Exige silêncios. Exige ritmo. A expressão poética atual tem de ser outra, sem a obrigatoriedade de ser nova a cada verso.



Fragments para uma poética atual

O levantamento da possibilidade de um *boom* na poesia brasileira, a partir do final de 1997, demonstra as deficiências da prática poética brasileira neste final de século. Pela estranheza entrevista nos suplementos literários, sobretudo paulistas, quando resenhado algum livro de poeta estreante e quando publicado algum poema de forma esparsa, fica claro que está faltando o norteamento de parâmetros poéticos.

Há excesso de cortes no cotidiano, sem bolinação na linguagem. E a frieza instala-se com homenagens familiares, luzes irregulares, casualidades amorosas. A vulva nunca foi tão mal amada e trivial. Até mesmo suplementos literários tradicionais - o caso mais explícito é o de Minas Gerais - tornaram-se insossos.

Mas insossa a poesia brasileira? Nem sempre efervescência ou vestimenta são sinais de existência vital. Nem tudo que vibra traz gozo. E só a vida sadia dá sabor. Nunca pude aprisionar em meu estômago um azul de arco-íris, mas muitas vezes mastiguei a íris dura da matrinxã. Até tentei, e o lírio era amargo.

Chegou-se a pregar a necessidade de um trovar claro. Se o problema da poesia fosse de clareza, tudo estaria resolvido: bastaria convocar os eletricitários, os incendiários, os pirotécnicos. O problema da poesia não é de pirotecnia.

O que se pode sentir a cada novo livro de poesia editado é uma falta de intimidade com a tradição da poesia mais autêntica. Não se tem mais noção de especialidade, pratica-se uma falsa sonoridade, e um excesso de preciosismo com o cotidiano. A impressão que se tem é que ao poeta atual faltou intensidade de vida durante a infância. Sem infância - impossível a manifestação da poesia. Até tentam, mas o soneto está sem pés nem cabeças para tê-los quebrados.

Procura-se ser novo a cada palavra, a cada verso, a cada poema, a cada livro. E se esquece que, antes de tudo, nada existe sem autenticidade. Não adianta um neologismo se ele não cabe numa situação vital ou deixa de gerar supremacia emocional para outrem. Não se faz novi-

dade só para o eu criador. A exigência de ser autêntico em cada expressão acaba com a expressão. Na moda, por exemplo: cada revista que tomamos para acompanhá-la traz uma maneira de expressão - quase nus, roupas de cascas, de peles, meio seio de fora, seio encoberto, tiras... E cada revista dirá que aquele estilo dominará determinado tempo. O poder econômico demoliu o estilo. Esquecemos que o que faz o estilo é uma determinada prática, seguida de um acatamento crítico, de um parâmetro de prática e de crítica. Não existirá uma moda de determinado estilo se ele não merecer adoção unânime. Em todos os segmentos, o excesso de autoria, ou de novidade requerida pela autoria, tem impedido o in/surgimento de estilos.

Ao querer apenas modernidade, a obra de arte acaba descaracterizada. Nem só modernidade faz a obra de arte feliz, e muito menos poesia. Daí, a urgência de convivência, intimidade com outras épocas. Nunca houve uma poesia, por exemplo, tão autêntica, quanto no classicismo.

Se esta é uma época de domínio da visualidade, que é a menor parte da poesia, razão maior ainda para a busca de convivência com épocas anteriores, onde foi maior o predomínio da expressão impressa ou oral.

Há muitas linguagens isoladas. Não existe uma diretriz e ninguém tem se preocupado em estabelecer uma. A obrigatoriedade de cada autor estabelecer uma poética, além de levá-lo a produzir, a produção passa a merecer objetividade. Talvez este tenha sido um dos males da poesia pós-moderna: os poetas acreditavam muito só na expressão, sem ter de ocorrer/correr atrás de alguns limites. A versificação acabou, mas em seu lugar não foi erigido nenhum rol de outras exigências poéticas. E, com isso, todo mundo se diz poeta. Temos de gritar novamente *a poesia é isso ou aquilo*, senão todos estarão ocupando nosso lugar de criador. E essas regras terão de trazer um pouco de dificuldade, senão todos continuarão sendo poetas.



A grande condensação da prática moderna da Poesia foi alcançada por Jorge de Lima, que acaba de ter a sua obra poética republicada em papel bíblia. E ele vai neste rumo: a rima não é algo explícito, as metáforas não necessitam de elementos de ligação como o *como*, chega mesmo a fazer um poema em "Invenção de Orfeu" só para ridicularizar o *como*.

O livro deve ser elaborado sem a exigência de ser autêntico em cada expressão, pois a obrigatoriedade de expressão não é expressão, mas aplicação de clichês. O ordenamento, em qualquer objeto, até mesmo na natureza, tem de ocorrer sem nenhuma forçosidade. Só aí soa a falsidade. E nada mais pedante que a falsidade na obra de arte, onde vemos que a palavra foi colocada ali só para provocar determinado efeito. Nada tem de ser feito para causar efeito, tem de ser feito de tal forma que teça um novo acontecimento.

O mal da poesia do tempo presente é precisar de conteúdo específico, onde ocorra até mesmo um excesso de teatralidade. Não precisamos mais de gritar nossa poesia na rua, concoferr com outros meios de comunicação, de divertimentos. Sequer o cinema consegue hoje ser só teatral. Ser só conteúdo crítico. Sequer a linguagem política está preocupada em resistir, muito menos a poesia deve estar preocupada com a mudança política. A sua ação: exteriorização do indivíduo, ordenamento de semas, de sementes, sêmen. O indivíduo está querendo ordem. Só a ordem gera beleza. Mas não queremos a pura beleza, há que encantar pela surpresa, pelo rictus do desnivelamento do banal, ordenamento da linguagem, de reencontro com elementos das sensações.

Temos de assumir o mundo da visualização, sem que seja um universo só plástico, mas de signos lingüísticos. A poesia exige despojamento na página. Exige silêncios. Exige ritmo.

Os poetas praticamente se desligaram do mundo e, assim, a linguagem tornou-se alienada. Dificilmente a poesia ocupará índice preponderante de leitura com o alienamento da linguagem. Mesmo que os poetas voltassem para os quatro elementos da natureza, insistissem em despojá-los em metáforas, retomassem a lua, a via-láctea, nem isso traria a poesia de volta para a rua. Os mitos agora são outros - o automóvel, o sanduíche ... A natureza, enquanto quatro elementos, não existe mais. Depois que o homem descobriu as maneiras de condensar, dobrar, ensacar, o fogo, o ar, a terra, a água perderam a capacidade de respirar metáforas. Passaram a respirar produtos carregados de valor monetário.

Fica aí a ponta do *iceberg*. Cabe aos criadores a reformulação das expressões. A expressão poética atual tem de ser outra, sem a obrigatoriedade de ser nova a cada verso.

Dos critérios da crítica

□ FLÁVIO R. KOTHE

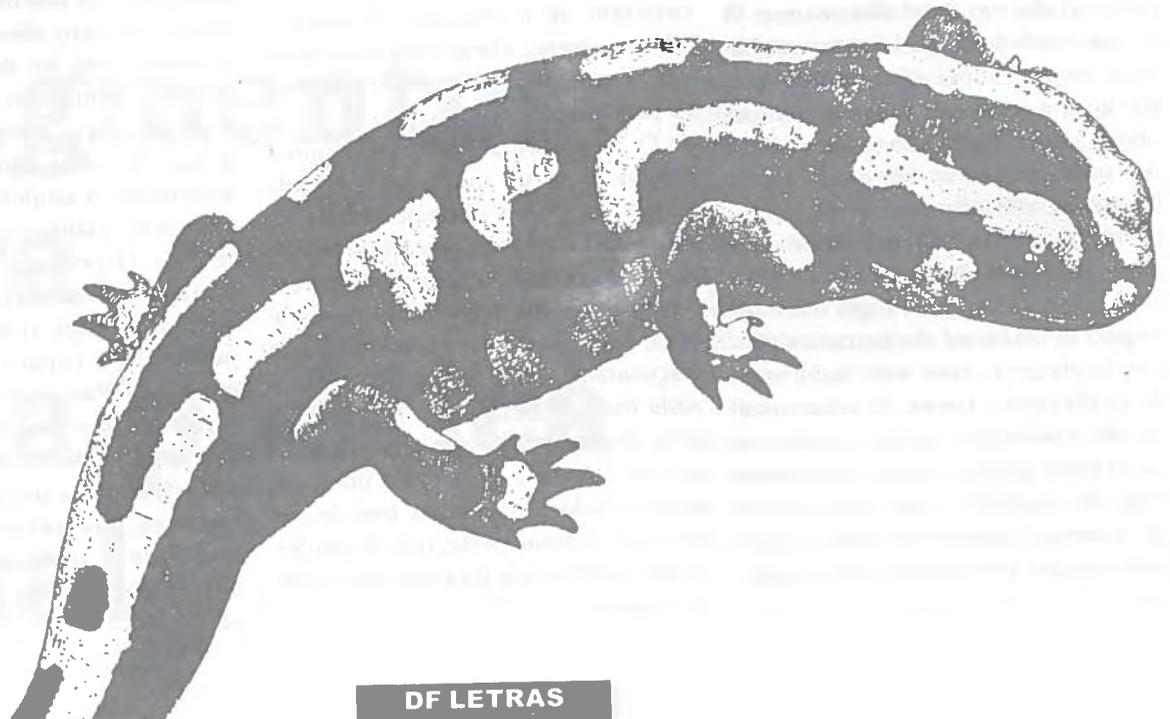
O cânone brasileiro é a única formação literária que as crianças têm na escola. Ele é mais fraco e limitado do que se gostaria de acreditar, e mais calcado em interesses ideológicos do que na qualidade artística. Isso se reproduz no gosto dos críticos, nos julgamentos de prêmios, na má formação artística nas escolas, na decisão de adquirir livros...

Desencadeou-se em Brasília, pela imprensa, nesse primeiro semestre de 1998, uma discussão em torno da validade da literatura local, pois alguns literatos e jornalistas afirmaram que ela se reduz à vaidade, enquanto outros afirmam que há centenas de premiados na cidade. Cada lado quer ter razão, talvez nenhum a tenha. Talvez ambos a tenham, mas não eu.

Os jornalistas não ousam enfrentar a questão de como é que se distribui o espaço na imprensa para a resenha de livros, quais são os fatores que determinam que duas ou três editoras tenham os seus livros badalados, como se fossem todos de qualidade, enquanto o resto não tem vez. O espaço na imprensa não é proporcional à qualificação literária. Os jornalistas conseguiram um monopólio na imprensa, e podem, por isso, pôr-se a dar palpites em

público sobre áreas nas quais nem sempre dispõem da maior competência. Com isso, excluem outros, melhor especializados. Sob o ataque aos autores locais, pode haver uma afirmação de um monopólio jornalístico do mercado da palavra. As palavras dos poetas são, por outro lado, tão preciosas que ninguém paga nada por elas.

Há um consenso, entre os literatos, de que a crítica literária acabou, enquanto juízo criterioso e autônomo de uma pessoa bem formada e isenta, tendo sido substituída pela resenha publicitária, em que se predetermina se um livro vai ser elogiado ou condenado, conforme as conveniências dos grupos do poder, na área editorial e jornalística. Talvez a crítica isenta não tenha acabado, porque ela nunca existiu. O que havia, no passado, com as exceções confirmadoras da regra, era um discurs-





so de reforço, pelo comentário aparentemente crítico, do discurso ficcional feito de acordo com a perspectiva e os interesses da oligarquia mais ou menos esclarecida. Não há um passado glorioso a lamentar em função de um péssimo presente, que nos é imposto como se fosse presenteado. A crítica literária é algo a ser ainda construído, num país sem sólida tradição iluminista.

Homero foi esquecido por toda a Idade Média, mas Virgílio foi valorizado porque a Igreja achava que, ao descrever lulo, querendo legitimar a família Júlia, que o patrocinava, o autor estava profetizando o advento de Cristo. É possível mostrar, porém, como a *Ilíada* e a *Odisséia* são melhores em termos artísticos que a *Eneida*, e esta é melhor que *Os Lusíadas*. Rabelais foi perseguido por seu bispo porque cometia o crime de ler grego, e não só latim. Se os árabes não tivessem salvo muitos textos gregos, ainda um menor número deles teria escapado à sanha anti-pagã dos cristãos. Shakespeare não foi considerado um grande autor durante os séculos XVII e XVIII, enquanto preponderou o neoclassicismo francês, pois ele não obedecia às normas da unidade de tempo, lugar e ação. Ele só foi redescoberto com a tradução para o alemão, feita por volta de 1790, por Tieck e Schlegel, e que eclodiu o romantismo. Hölderlin demorou a ser entendido; Heine e Vítor

Hugo foram exilados, Baudelaire e Flaubert tiveram por prêmio serem perseguidos pela justiça. Se Goethe não tivesse providenciado uma tradução e uma edição alemã de *O sobrinho de Rameau*, esta obra não existiria. Diderot achava que o escritor devia morar na fronteira.

A carência de iluminismo continua. Se a publicação mais volumosa de filosofia está nas mãos de uma editora religiosa, por mais esclarecida que esta queira ser em alguns setores, no seu nóculo ela é crente e dogmática, sufocando a dúvida filosófica radical. O cânone brasileiro é a única formação literária que as crianças têm na escola. Ele é mais fraco e limitado do que se gostaria de acreditar, e mais calcado em interesses ideológicos do que na qualidade artística. Isso se reproduz no gosto dos críticos, nos julgamentos de prêmios, na seleção de obras a serem publicadas, na decisão de adquirir livros, assim como a má formação artística nas escolas e a falta de bons museus ajudam a fazer com que as pessoas costumem pendurar quadros ruins nas suas paredes.

Não basta o adulto ler Sófocles

ou Tolstói, para tentar preencher as lacunas de sua formação basilar. Ele tende a reduzir tudo ao horizonte dessa base, e daí não vai conseguir construir um prédio maior do que o possibilitado pelos fundamentos que lhe foram impostos desde pequeno. Por isso, não se pode confiar nos resultados dos concursos literários, nas apreciações jornalísticas, nos pareceres universitários, nas avaliações das editoras, etc. Tudo o que não estiver dentro do horizonte primário dessa formação não conseguirá ser percebido como valor. Todo texto que tiver mais densidade e complexidade do que o parâmetro médio do cânone não conseguirá ser apreciado, entendido, inteligido. Será, então, posto de lado, como algo que não tem valor. Ele parecerá não ter valor justamente por ter valor.

Todo julgamento "justo" será injusto, pois estará apenas ajustado aos padrões vigentes na estrutura profunda do cânone, da qual os julgadores não têm sequer consciência, e muito menos vontade de questionar. Pelo contrário, tenderão a repelir com horror o que estiver fora do enquadramento canônico. Farão isso de modo instintivo, com argumentos cuja superficialidade não aflorará porque não se terá atingido o nível mais denso do artístico e do filosófico.

Isso não é apenas futuro, mas presente e passado: muitas injustiças em

avaliações já foram feitas com a "maior honestidade". Não se trata apenas de "marmelada", de compadrio em julgamentos, para que os membros das comissões possam comer a sua parte, entrar no *do ut des*. Aqui se questionam apenas os julgamentos "justos", "honestos", "criteriosos". Não se trata só de julgar os julgadores, no sentido de duvidar que consigam ser bem criteriosos. O problema está nos próprios "critérios", nas normas ditadas pela estrutura profunda do cânone e que são reproduzidas nas apreciações literárias. Essas normas não são, em geral, percebidas como normas e como limitações, mas se pressupõe que aplicá-las é fazer justiça.

Toda literatura que

apresente o ponto de vista e a vivência dos excluídos e malversados do cânone (como índios, negros, mulatos, caboclos, imigrantes) não terá efetiva chance nesse sistema (embora este aparente incorporá-los, e incorpore, até como autores, à medida que adotem e representem a perspectiva do senhorio). Isso significa que, ou se desenvolve uma literatura de gueto, que realmente seja de gueto, portanto de exclusão da esfera pública brasileira, ou, se aparecer alguma "literatura de gueto" oficializada, ela será sempre alguma forma de traição do que realmente de-

veria ser a perspectiva e a vivência desse gueto. No primeiro caso, há de imperar o silêncio (que existe, por exemplo, em relação à literatura brasileira em língua alemã); no segundo caso, hão de se glorificar os oportunistas de sempre, cujo discurso servirá para silenciar aquilo que realmente deveria ser dito (será, então, o alienado que pretenderá ser o autêntico, a máscara que quer ser o rosto para melhor poder ocultá-lo).

Que os concursos para a seleção de professores nas universidades públicas às vezes obedecem mais a critérios de conveniência do grupo dominante no departamento do que a critérios puramente acadêmicos e que os candidatos injustiçados não tenham possibilidade de apresentar recursos em termos de conteúdos

é apenas um - ainda que silenciado - afloramento de um problema mais amplo de distorção de valores. Um outro, evidente, é o de apenas se ensinar o cânone brasileiro nas escolas, não ensinando os clássicos da literatura universal: perde-se muito tempo com obras de pouco valor, para não dar tempo algum a obras de grande valor.

Trata-se de uma profunda perversão de valores, mas que aparece como normal e, inclusive, como defesa dos valores mais altos, que são os de uma falsa "brasilidade". Em nome desta, tudo se destrói, a pretexto de tudo construir. Do mesmo modo, por toda parte se constroem igrejas e quartéis, mas poucos teatros e conservatórios; consagram-se criminosos como se fossem heróis, para melhor olvidar os verdadeiros heróis. Essa é a ordem, a normalidade. Não se percebe mais quão perversa ela é: parece perverso apenas quem supõe que ela é perversa.

A literatura é uma prostituta, que não só vai para a cama com todo leitor, mas deixa que cada amador trate de penetrar em sua intimidade e tenha nela o seu gozo. Ela própria só goza, porém, com quem tem talento. Todo aquele que vive às custas dela acha, porém, que, por ser gigolô, já consegue fazê-la gozar. A exegese canonizante finge que ela goza com muitos, pois organiza um coro que finge fazer a sereia cantar de prazer toda vez que passa o barquinho de um canônico. Mais ainda loas entoa quando o canônico é algum cônego, que carrega a sagrada hóstia da comunhão nacional. A sereia apenas finge, porém, que canta, e deixa que finjam por ela, como se deveras estivesse a cantar. O coro, ao ouvir a sua própria voz, acredita que ouviu a sereia, pois nada mais maravilhoso para ele do que a ilusão de que a sua voz é a própria sereia cantando.



Romance-Reportagem

Onde a semelhança não é mera coincidência



As relações entre jornalismo e literatura e as discussões em torno do fato de o jornalismo ser ou não um gênero literário são, praticamente, tão antigas quanto o próprio jornalismo, que se modificou e se expandiu à sombra da Revolução Industrial. Oportunamente a jornalista e professora de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Neila Bianchin, apresenta em livro o resultado de estudos sobre esse tema, pesquisando desde a origem da expressão romance-reportagem até o contexto que propiciou o aparecimento desse tipo de narrativa na história cultural brasileira.

Autores consagrados, tais como Carlos Heitor Cony, José Louzeiro e Valério Meinel foram objeto de intensa pesquisa da autora sobre o jornalismo investigativo.

(IN) CONCLUSÕES

Ao longo deste livro estivemos examinando de que modo o romance e a reportagem e, conseqüentemente, a literatura e o jornalismo, se inscrevem nas narrativas dos romances-reportagem. Para chegar até aí, passamos antes pelo exame dos aspectos que fazem da literatura e do jornalismo dois discursos, às vezes muito próximos e semelhantes, mas que, segundo os princípios teóricos que utilizamos, são também distintos e independentes.

A partir dessas investigações, julgávamos ser possível dar conta do segundo objetivo de nossa pesquisa, que era o de verificar qual o lugar do romance-reportagem. Ou seja, queríamos respostas para a seguinte questão: é possível uma leitura e uma análise destas obras vendendo apenas como literárias ou, de outro lado, apenas como jornalísticas?

Se, por um lado, a teorização sobre as relações mantidas entre literatura e jornalismo nos levou à ousadia de afirmar que existem fronteiras entre esses discursos, a leitura e o exame dos romances-reportagem, de outro lado, nos mostram que, na realidade, as fronteiras entre esses discursos são muito mais imprecisas e difusas. Firmando sua especificidade no encontro hesitante de dois gêneros, o romance e a reportagem, o romance-reportagem acaba estabelecendo um nebuloso relacionamento tanto para com a literatura, quanto para com o jornalismo, a ponto de podermos afirmar que sua maior marca é legitimar a ambigüidade.

Ambíguo porque, partindo da reportagem, ele se faz romance. Feito romance, ele não perde a condição de ser também reportagem. Mas ao mesmo tempo se afasta dela quando opta por ter sua narrativa constituída por personagens (seres ficcionais) ainda que travestidos de pessoas; quando a ficção e o imaginário são usados para recriar cenas, ainda que

estas tenham se registrado em acontecimentos verídicos, comprovados e comprováveis.

Se, levando em conta a forte presença da reportagem, classificássemos estes textos como jornalísticos, estaríamos admitindo que o jornalismo pode trabalhar com discursos ficcionais. Isto, de uma certa maneira, colocaria em risco o próprio jornalismo que se fundamenta a partir do compromisso com a veracidade dos fatos que reconstrói. Como disse John Hersey, há uma regra "sagrada" do jornalismo: o jornalista não deve inventar. Para ele, a ética do jornalismo deve ser baseada na simples verdade de que todo jornalista sabe a diferença entre a distorção que vem da subtração de dados observados e a distorção que vem da adição de dados inventados.

A ameaça para a vida do jornalismo pela negação desta diferença pode ser percebida se nós olharmos para isto sob o ponto de vista do leitor. O leitor assume a subtração como uma propensão do jornalismo e instintivamente busca a parcialidade; no momento que o leitor suspeita de adições, a terra começa a deslizar debaixo dos pés, pois a idéia de que não há como saber o que é real e o que não é real é terrível.¹

É verdade que nenhum discurso tem condições de reconstituir os fatos tal como aconteceram, mas ao jornalismo não é permitido criar cenas e situações nem mesmo sob o argumento de "mostrar" melhor esses fatos. Assim, não seria possível declarar os romances-reportagem como jornalísticos, sem escamotear ou fraudar todas as estratégias que, apesar de tentarem negar, acabam evidenciando, no texto, a presença da ficção.

O fato de dizermos que o romance-reportagem não pode ser visto apenas como um texto jornalístico não assegura

a ele de imediato a condição de literário. Aqui nos deparamos com um problema: decidir sobre a literariedade ou não de uma obra é uma tarefa bastante difícil, inclusive para os teóricos do assunto, pois não há uma posição unânime e definitiva sobre o tema. Dos estudos que se referem de uma maneira ou de outra a essa questão da literariedade, entendemos que o de Northrop Frye é aquele que nos serve melhor neste momento. Ele entende ser a convenção, o acordo social e a obra da crítica que determinam se um objeto "é" ou não uma obra de arte.

Já que a definição sobre o ser ou/e não ser obra de arte depende também das teorias e leituras, retomemos o que disseram elas sobre o romance-reportagem. Embora tenham concedido a essas narrativas uma filiação à literatura, ao analisá-las à luz das exigências teóricas de tal área, a crítica literária as censurou por sua "pouca preocupação com a linguagem" e pela "negação da ficcionalidade" tão presente em todas elas. O romance-reportagem foi ainda classificado como uma literatura "menor", "popularesca", voltada para o imediato, para o consumo rápido e descartável.² Um produto, enfim, da literatura de massa, vista sob tantos conceitos e preconceitos.³ Essas deficiências, segundo a crítica, seriam responsáveis pela "baixa" literariedade dessas narrativas. Mesmo assim, elas continuaram sendo consideradas como narrativas literárias.

O que a crítica não levou em conta em suas análises, porque tomou apenas o lado literário, é que essas narrativas partem de acontecimentos reais e da reportagem sobre eles, tanto que só jornalistas escreveram, até hoje, romances-reportagem. Além do que, elas se propõem a ser (e se esforçam para parecer) um relato da verdade sobre esses acontecimentos, muito embora se

¹ HERSEY, John. Apud FISHKIN, Schelley Fisber. *From Fact to Fiction Journalism Imaginative Writing in America*, Baltimore and London. Trad. Adriana Tambosi.

² A identificação de todas as citações foi colocada ao longo do Capítulo 2.

³ Essa questão da literatura de massa, com a qual o romance-reportagem incavelmente mantém relações, é tratada de uma maneira muito correta por Umberto Eco em *Apocalípticos e integrados* (São Paulo: Perspectiva, 1987) onde ele destaca os erros tanto dos que fazem a apologia dessa cultura quanto dos que ele chama de

apocalípticos-aristocráticos, que condenam a cultura de massa.

⁴ *Do Romance-reportagem como gênero*, op. cit., p. 158.

⁵ O modo como o jornalismo trabalha a informação, que já nos anos 70 era fruto de descontentamento de jornalistas, hoje, 1994, é contestado de forma ainda mais veemente. Em seminário que inaugurou o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, na Unicamp, a Imprensa esteve em debate por profissionais e professores ligados à área. Criticou-se muito o jornalismo por errar demais, por



utilizem da imaginação para reconstituí-los. É este propósito e esta necessidade de parecer verdadeiro que exigem uma linguagem simples, direta e referencial, muito mais próxima da reportagem do que de uma obra genuinamente artística. Além do que exige também que o romance-reportagem escamoteie sua ficcionalidade.

O que estamos querendo dizer é que a análise do romance-reportagem não pode ser feita apenas sob o ponto de vista teórico-literário. Até porque as semelhanças com o romance não são suficientes para conceder a essas obras o estatuto de literárias, a não ser que se ignore todas as diferenças, ou seja, tudo o que há de reportagem e, conseqüentemente, de jornalístico nelas. O simples fato do narrador ter seu imaginário constantemente controlado por fatos externos à narrativa, que tiram dele a plena liberdade de criação, já é motivo para afastar essas obras da especificidade do literário.

Esperamos que nossas conclusões já tenham deixado evidente que não há um lugar definido para o romance-reportagem. Ele transita pelas fronteiras da realidade com a imaginação, da verdade com a ficção, do jornalismo com a literatura. Transeunte, vai ignorando limites, contestando divisões, fazendo dos fatos ficção, no intuito inalcançável de desvendar a realidade tal como ela é (ou foi).

As ambigüidades desses textos determinam a impossibilidade de uma leitura definitiva deles, como literários ou jornalísticos, uma vez que, como bem disse Rildo José C. Mota, "a definição para um lado ou para outro, a travessia de uma das fronteiras significa, antes de tudo, a sua morte enquanto simbiose de ambos os gêneros numa nova forma de narrar".⁴

A partir disso julgamos que o mais importante, talvez, não seja encontrar um lugar para o romance-reportagem. Melhor seria que o lêssemos como um texto que propõe a leitura das fronteiras entre jornalismo e literatura, como aproximação e não separação. Limites. Ao contestar o modo eminentemente jornalístico de dar sentido aos acontecimentos,⁵ essas narrativas nos sugerem que a fusão dos discursos pode ser uma boa forma de conhecer melhor, pela linguagem, o mundo que nos cerca.

Nesse sentido o romance-reportagem poderia ser visto como um texto que coloca em prática as idéias que defendem a não-existência de fronteiras definitivas entre os discursos. A teoria e a arte contemporâneas contestam, p. ex., a separação entre o literário e o histórico.⁶ As leituras críticas feitas por essas correntes têm se concentrado mais naquilo que as formas de escrita têm em comum do que nas suas diferenças. A poética do pós-modernismo

considera que as duas formas de narrativa são sistemas de significação em nossa cultura: as duas são aquilo que, certa vez, Doctorov considerou como formas de "mediar o mundo com o objetivo de introduzir o sentido".⁷ O romance-reportagem nos diz que a mesma afirmativa pode ser feita em relação à literatura e ao jornalismo.

O fato é que jornalismo e literatura não devem ser vistos como discursos totalmente opostos. O primeiro como sendo o discurso da verdade e o outro da falsidade. Assim como não há uma verdade única, "só existem verdades no plural e raramente existe a falsidade *per se*, apenas verdades alheias"; a literatura, segundo Todorov,

não é um discurso que possa ou deva ser falso (...) é um discurso que, precisamente, não pode ser submetido ao teste da verdade; ela não é verdadeira nem falsa, e não faz sentido levantar essa questão: é isso que define seu próprio status de "ficção".⁸

Partindo das coincidências entre literatura e jornalismo, os autores de romances-reportagem por nós estudados ignoram as diferenças e usam livremente os elementos e técnicas do romance e da reportagem para construir um novo discurso que, não sendo nem só romance e nem só reportagem, não deixa de ser os dois ao mesmo tempo. Esse discurso nos diz que o importante não é saber se ele é literário ou jornalístico, mas que devemos tomá-lo como uma leitura diferente e particular dos acontecimentos.

A ambigüidade do estatuto narrativo pode causar no leitor um certo desconforto, uma certa inquietação, diante da impossibilidade de averiguar o quanto há de verdade e de invenção nesses textos. Essa não deve ser a expectativa do leitor comum e muito menos do crítico especializado. Melhor que se leia e se critique o romance-reportagem a partir do que ele realmente é: um produto resultante do encontro de dois discursos semelhantes e distintos, o jornalístico e o literário. Um híbrido onde as semelhanças não são meras coincidências.

Neila Bianchin

ser tendencioso, pela arrogância de editores e repórteres, pela febre do "denuncismo" e, principalmente, pela falta de apuração rigorosa dos fatos. Segundo a professora Ana Arruda Callado, essa situação vem do abandono da prática da Reportagem, com os repórteres saindo às ruas não mais para apurar os fatos, "mas para buscar informações que comprovem a pauta do Editor". In: *Diário Catarinense*, nº 2920, 17 de abril, 1994. Quem sabe não estará aberto aí o caminho para o surgimento de outros romances-reportagem que possibilitam aos jornalistas

demonstrar sua capacidade narrativa aprendida em anos de escola e profissão.

⁶ Vejam-se, por exemplo, as leituras que têm sido feitas por Hayden White em *Meta-História* e outros estudos, e Paul Veyne, entre outros.

⁷ HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*, trad. Ricardo Cruz, Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 149.

⁸ Idem, p. 146.

⁹ Idem, P. 146.

Casa de Tecla

Casa de tecla é um livro de poesias. A autora, Raquel Naveira, é formada em Direito e em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco, em Mato Grosso do Sul. Nascida em Campo Grande (MS), Raquel Naveira dá aulas de Literatura Latina na universidade onde se formou.

Possui vários livros publicados, entre eles *Abadia*, indicado para o prêmio Jabuti de poesia em 1996, e *Caraguatá*, de poemas inspirados na guerra do Contestado, transformado no curta-metragem "Cobrindo o céu de sombra", com direção de Célio Grandes.

Segundo o professor e poeta Roberto Pontes, "a poesia de Raquel Naveira revela uma sensualidade místico-lírica. Ela é uma voz bíblica em surdina."

Para Frei Betto, escritor e religioso dominicano, "*Casa de tecla* soa como um piano afinado. O recurso à metáfora, próprio à linguagem poética, permite que, aqui, rios e nuvens, sombras e cordilheiras ecoem como símbolos que, pelo verso, tra-



zem à tona o nosso reverso.

Esses poemas, à semelhança dos salmos, traduzem nossa topografia interior e, ao mesmo tempo, nos convocam à busca da própria identidade.

Eis um texto em sol maior. Raquel Naveira, escritora premiada, agora premia a nós, leitores, com o melhor de sua criação.

Hino de arte e loucura, *Casa de tecla* é um espelho para o espírito."

Cabeça de Mulher

Escritora e jornalista, entre várias outras atividades profissionais, Maria Thereza Cavalheiro acaba de lançar, pela Editora Scortecci, o livro de contos *Cabeça de mulher*. Autora de mais oito livros e agraciada com cerca de 150 prêmios literários, Maria Thereza está comemorando seus 50 anos de literatura.

A professora titular da USP, na área de Comunicações e Artes. Léa Vinocur Freitag, assim se refere ao livro da autora: "*Em Cabeça de mulher*", Maria Thereza Cavalheiro apresenta uma radiografia reveladora, mergulhando a fundo na alma feminina. Seus dezoito contos desenrolam-se num leque, que se abre pouco a pouco, retratando personagens femininas delineadas em contornos nítidos, nas mais inesperadas situações e desfechos. Maria Thereza Cavalheiro cultiva o anti-*happy end*. É o destino brincando com as personagens, numa ação dramática e bem construída, que termina de forma imprevisível e original - a vida consegue surpreender sempre."



Noites de Vagalumes

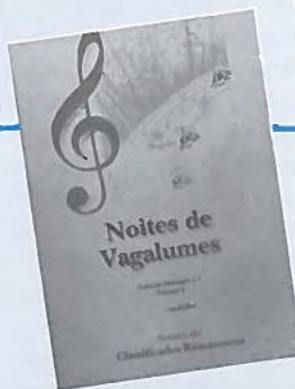
Maria Dalva Junqueira Guimarães, mais conhecida no meio literário de Brasília como Madellon, lançou recentemente o livro *Noites de vagalumes*, destinado ao público infanto-juvenil. A apresentação da obra é do poeta Joanyr de Oliveira, que afirma que "o ponto forte da poesia de Madellon está na singeleza - e sua singeleza é ainda mais alta e mais convincente quando, como é o caso de *Noites de vagalumes*, sua mensagem se destina ao público infanto-juvenil."

O prefácio do livro é de autoria da pedagoga Leila Magalhães Santos, que as-

sim se expressa com relação à obra: "Madellon-Maria Dalva pinta com palavras como quem pinta um quadro, com pinceladas no ar, como se as cores fossem energias sutis bailando e pairando. Sua linguagem, pincéis e espátulas, deixa fluir luzes de pirilampos - vaga-lumes perdidos na noite deslizam na tela para as crianças:

Vamos acender as luzes da lua/ abrir o luar/ vamos regar sonhos coloridos com chuva de borboletas/ vamos dançar com o arco-íris/ vamos plantar estrelas/ na terra azul e no mar...

Madellon vai buscar



onde ninguém vê, e traz para a tela, versos molhados de sol atingindo o real do invisível. Cria e recria jogando com as palavras que dançam na pauta, desfilando melodias a rimar em tropel disparada. E descobre e redescobre um gnomo, um duende, uma fada e reconstrói o mundo da criança. Falenas, colibris, piri-lamos e cotovias... tudo vira poesia, porque Madellon é a própria poesia, como veremos nos versos:

... vamos tomar chá de algodão/ comer os botões das papoulas.../ vamos fazer festa de noite/ quando a lua chegar...

Em nestes versos:

... olhando pra mim/ sorrindo pra vocês/ o arco-íris e o luar!

A autora vai pescando palavras no fundo do baú da infância e as coloca bailando e dançando melodiosas no palco ou na tela.

E assim, poetando, ela abre as cortinas da imaginação e então resgata o mundo do faz-de-conta, perdido no redemoinho do tempo, e vai compartilhando fantasias com o seu público infanto-juvenil."

O adestrador de cães

□ LAUDO BRAGA

Cansei de vê-lo passar pastoreando um cão, ambos modorrentos, quase sempre à mesma hora, e na mesma direção.

Várias vezes cruzei com ele quando nas minhas andanças pelo parque, cumprimentando-nos de forma cavalheiresca. "Oba!" Tratava-se de um sujeito de fisionomia marcante: alto, magérrimo, pernas finas, ainda jovem.

A repetição, quase sistemática, daquele "passar" do homem e do cão, despertou-me alguma curiosidade. Verifiquei que nem sempre, à primeira vista, os cães eram os mesmos, embora fossem, via de regra, animais de pequeno porte. E de raças diferentes.

Um dia, não resistindo à curiosidade, fiz-me de indiscreto e indaguei a um dos circunvizinhos a respeito daquela personalidade singular, sistemática e solitária. Aliás, ele e o cão.

Adiantou-me o circunvizinho que se tratava de um adestrador de cães. O que na verdade fazia o estranho homem era adestrar cães, sempre presos à coleira e seguros por uma corrente a uma das suas mãos. Ora à direita, ora à esquerda.

E assim aprendi a admirar o trabalho daquele estranho ser e até mesmo a refletir sobre sua psicologia de lidar com esses animais tidos como muito inteligentes e em especial amigos do homem.

Lá ia ele, passos lentos, com o seu cãozinho à frente, ambos aparentando imensa tranqüilidade e em perfeita compreensão e amizade. Jamais vi um daqueles animais rebelar-se contra o seu condutor. Jamais os vi, sequer, latir; pareciam, na verdade, mudos. Do mesmo modo, não ouvi o estranho domador, ou adestrador,

como queiram os leitores, dirigir uma só palavra de comando aos seus "alunos". A minha atenção pelo "fazer" do estranho homem me levava a observá-lo, sempre, com crescente atenção no seu passar quase sempre à mesma hora, dominado por um misto de admiração e curiosidade. Tudo o que eu sabia dele, já que nunca me arrisquei a trocar uma palavra com o estranho ser, era que ganhava a vida naquele mister de adestrar cães. Uma profissão que, certamente, não prescindiria de um pendor particular pelo seu fazer, um jeito muito especial de lidar com os animais e uma técnica específica para transformá-los de feras em "mocinhos" muito bem comportados, adestrados e obedientes como assim o querem os donos dos animais.

O tempo passou. Como o caminhar daquele estranho homem jamais deixou de me despertar especial atenção, em virtude de sua compostura, paciência e particularmente sistematicidade, principiei a notar que os cães eram os mesmos. Certamente, uns quatro. Um preto, de pernas curtas e musculoso, porém pequeno; um orelhudo, amarronzado, um pouco maior do que o preto. Um outro, com compleição muito semelhante à do preto: musculoso, pernas curtas, pequeno, uma espécie de "totó". E um quarto, também de pequeno porte, meio "sará"...

Foi necessário muito e muito tempo de detida observação para que pudesse eu constatar que eram os mesmos cães. Sempre.

Daí me veio a indagação que jamais pode ter tido resposta uma vez que me limitei à simples reflexão a respeito da atividade daquele estranho ser: poderia tratar-se de adestramento por tanto tempo com os mesmos animais?

E aí, sempre ao cair da tarde, lá ia ele, ora com o "totó", ora com o "sará", ora com o preto, ora com o amarronzado.

Agora a pergunta encontraria uma resposta lógica. Na verdade não se tratava de um adestrador, mas de um provável maníaco ou um homem solitário, que fazia dos cães os seus únicos amigos, já que nunca o vi com outra companhia...

Lá ia ele, passos lentos, com o seu cãozinho à frente, ambos aparentando imensa tranqüilidade e em perfeita compreensão e amizade. Jamais vi um daqueles animais rebelar-se contra o seu condutor.



Carta a Almeida Fischer, no céu

□ JOÃO CARLOS TAVEIRA

*Como você deve saber,
o Romeu Jobim,
depois do susto que
nos deu, já está em
casa se restabelecendo
e, pasme, preparando
os originais de um
livro de poemas para
publicação, onde
deverá reunir quadras
e haicais.*

Saudoso amigo,

Depois de cumprir expediente na Thesaurus (onde você ia sempre me visitar para um bate-papo e um cafezinho, lembra-se?), irei à Igreja Nossa Senhora de Fátima assistir à missa que seus filhos Denise, Márcio e Fábio encomendaram em memória de sua alma; em seguida darei uma passadinha na Galeria Cavalier para a abertura da exposição de quadros de um conterrâneo do Clóvis

Sena, chamado Péricles Rocha; finalmente, deverei ir conhecer o novo apartamento de Sofía Vivo e Mário, que me prometeram um uisquezinho de doze anos e a presença do Santiago Naud, além, é claro, de algumas beldades latino-americanas.

Mas o que eu queria mesmo era conversar e saber como vão as coisas por aí. Afinal, está fazendo um ano que você nos deixou. Aqui, com essa onda de *impeachment*, está do jeito que o diabo gosta: uma merda, como diria você. Não se fala em outra coisa...

Anteontem, em nossa costumeira mesa do Macambira, recebemos a visita do Fábio Lucas e do Carlos Alberto Abel, que estão lecionando na UnB; o Fábio, dando um curso até dezembro, e o Carlos Alberto, efetivamente, pois já faz parte do corpo docente da Universidade desde o início do ano.

Como você deve saber, o Romeu Jobim, depois do susto que nos deu, já está em casa se restabelecendo e, pasme, preparando os originais de um livro de poemas para publicação, onde deverá reunir quadras e haicais.

Outra notícia que deve agradar ao "velha polaca" é relativa à nossa amada Academia de Letras do Brasil (por sinal muito bem dirigida pelo José Geraldo): neste segundo semestre foram eleitos Hélio Pólvora, seu velho amigo da Bahia, e Jacinto Guerra, outro



mineiro que vem engrossar as fileiras das Gerais. Mas não se preocupe, o Brasil acabará encontrando seu caminho de volta ao sertão. Cassiano Nunes e eu acreditamos muito nisso.

Creio que você tenha tido notícias do Mário Donato, do Luis Piva, do Ricardo Ramos, do Antônio Girão Barroso, do Paulo Campos, do Péricles Eugênio da Silva Ramos. Todos eles foram depois de você. Fischer, a título de sugestão: que tal fundar aí uma sucursal da ANE? Afinal, você poderá contar com um time da pesada, sem precisar fazer nenhuma concessão.

Do pessoal daqui, há pouco o que dizer: Branca Bakaj está de malas prontas para a Europa; J.M. Leitão acaba de retornar do México; Napoleão Valadares continua firme entre a fazenda e a cidade; Maria Izabel Brunacci resolveu tomar um chá de sumiço, só aparece de vez em quando; José Geraldo, como você sabe, é o aposentado mais ocupado que existe, mas está sempre presente; Anderson Braga Horta firmou-se definitivamente como o nosso melhor poeta da atualidade; Jeronymo Rivera continua produzindo seu programa operístico semanal - aliás, a salvação das tardes de sábado; Esmerino Magalhães Jr., após dar umas aparecidas, resolveu seguir o caminho



do Viriato Gaspar e do Wilson Pereira: escafedeu-se; Afonso Ligório, na mesma, às vezes, aparece, às vezes, não; Júlio Cesar Meirelles, depois que você partiu esqueceu completamente o endereço do Macambira; Luiz Manzolillo, finalmente, acostumou-se à idéia do prêmio da ABL, e já está escrevendo novo romance; José Hélder de Souza, entre um uísque e outro, está sempre entre nós; Aldo Magalhães, ao que parece, está muito

bem - atualmente prepara um recital com poemas de Mario Quintana; Luiz Adolfo Pinheiro entrou para a galeria dos prêmios da ABL: conquistou, este ano o "José de Alencar" com sua novela *Tocata & Fuga*; Aparecida e Aluizio Valle, agora morando no Rio de Janeiro, estão fazendo muita falta; Zita de Andrade Lima tem-se revelado, a cada dia, uma fiel escudeira da ANE; o casal Heitor Martins veio ao Brasil, editou o livro de poemas da Marlene e retornou aos "States" no mês passado;

Alan Viggiano, como você já deve saber, foi morar em Florianópolis depois de passar a presidência da Associação para o nosso Danilo Gomes, que vem fazendo um excelente trabalho; Aglaia Souza, após o livro de contos, prepara um novo, de poemas.

Por hoje, é só. Se você vir o Mauro Mota, dê-lhe um grande abraço por mim. Do seu discípulo e amigo, sempre saudoso.

P.S. Parei de fumar no ano passado. Resolvi dar uma chance ao sonho de viver pelo menos uns 80 anos. Ah, o Jaime manda lembranças.



Transcrito do "Correio Braziliense", da edição de 28 de setembro de 1992, na seção "Artigo Definido".

O telegrafista de Salinas

□ JOSÉ ANTÔNIO PRATES

*A luz do morro,
fulgurante, azulada ou
esverdeada,
movimentando-se,
aumentando e
diminuindo de
tamanho, o povo todo
vendo, tentando
descobrir o que era,
mas, ao mesmo tempo,
desejando manter o
mistério, me
impressionava. Aquela
luz praticamente
desapareceu da Serra
da Sinhaninha...*

Salinas sempre me pareceu uma linda cidade. Apesar das oligarquias que a dominaram e jamais valorizaram o potencial de seu povo e sua posição estratégica, aquela cidadezinha sempre me pareceu predestinada a um objetivo bem superior ao que insistiram em lhe reter seus dominadores de turno, de visão estreita e retrógrada.

O mercado antigo com seus arcos bem construídos e o engradamento do teto, de uma perfeição inimaginável, provam que Salinas possui, desde várias gerações, uma mão-de-obra caprichosa de altíssimo nível profissional. Em todas as construções contemporâneas podemos observar isto.

A produção agrícola, mesmo sem maiores recursos técnicos, pode ser qualificada de boa e de bom nível de produ-

tividade, malgrado minha terra natal estar situada em uma região bastante castigada pela seca.

A vocação culinária assemelha-se a uma religião naquele pedaço abençoado do planeta: a comida salinense não deixa nada a desejar à de qualquer lugar do mundo. E olha que eu falo por experiência vivida, em tantos lugares desse mundão velho de tantas porteiras (eu abri diversas em minha sina de caminhante por aí).

Os doces, pães e biscoitos de Salinas são inigualáveis. As quitandeiras de lá merecem estar nas melhores enciclopédias gastronômicas do mundo.

Como eu morria de saudades dessas coisas gostosas, quando estive durante dez anos como embaixador compulsório do povo brasileiro pelas quebradas da vida!

A melhor cachaça do mundo é de Salinas. Qualquer cachaça de lá é boa. É a capital mundial da pinga.

Salinas, toda calçada de lajedões, era única para mim. Hoje o *progresso* chegou e o asfalto e os bloquetes tomaram conta do piso da cidade.

Não resta dúvida que ficou mais confortável. Mas, que era bonito e bucólico, ah! isto era, sim, senhor!

Luz elétrica, de grande usina hidroelétrica, no meu tempo de menino, não havia não! O que havia era turbina dirigida pelo mestre Bião. A velha e boa usina criada pelo "Seu" Nezinho Cunha, o nosso Einstein local, que revelou também o talento científico dos salinenses e sua vocação para os inventos. Quebrava bem o galho e era muito romântica. Ligava somente à noite por umas poucas horas, e antes de desligar, dava três sinais para prevenir o povo a realizar tarefas rápidas e imprescindíveis antes de dormir.





Eu gostava imensamente de ficar acordado até depois de apagada a luz da usina, para ver a luz do céu, estrelado, maravilhoso.

Geralmente fazia, entre menino e adolescente, diversas travessuras, como enrolar pedras em papel de jornal, para pegar diversos fregueses assíduos que sempre nos prestigiavam com chutes de craques, seguidos de exclamações e palavrões:

- Puta que pariu! Quebrei meu dedo!

- Fi duma égua! Me pegou outra vez!

Ou amarrar grossos cordões de um lado ao outro da rua, para ver as pessoas tropeçarem. E sempre tropeçavam.

E lá dentro de casa, olhando pelas gretas da janela, a satisfação sádica do menino que nunca teve nada que reclamar de sua infância (só o povo que parece que tem!).

Fico lembrando-me de seu Otávio Magalhães, petebista dos antigos, getulista apaixonado e precursor das ligas operárias do Brasil. Ele foi um lutador incansável e discursava para os jovens e crianças falando da causa trabalhista. Como isto está hoje tão presente em mim! Obrigado, Otávio! Estou seguro que você vive agora entre os anjos socialistas, inspirando-nos com suas vibrações de justiça social!

Como tem história, minha querida Salinas! E como as malditas oligarquias teimaram em ocultar e menosprezar essa história durante tanto tempo! E ainda tentam passar por cima dela

com o trator macartista...

Talvez Salinas seja o retrato de milhares de pequenos municípios brasileiros. Daí talvez possamos fazer uma leitura da ignorância dos dominadores deste imenso país.

Abdênago Lisboa, agrônomo, escritor, pregador protestante, foi o nosso Anton Makarenko. Pedagogo incrível, credito a ele as primeiras influências sobre minha formação acadêmica. Só um pecado: detestava futebol. Mas isso também teve seu lado bom, porque ele foi o pioneiro do atletismo em Salinas, e, todas as vezes que iam fazer mais uma laje no prédio da Escola Agrícola, que construímos com nossas mãos, ele arranjava um torneio olímpico e convidava o povo todo, que concorria em massa, para ajudar no mutirão da laje, comer o arroz com carne e participar da olimpíada local.

Ficamos durante um ano, chorando para o Dr. Abdênago nos ajudar a construir um campo de futebol, com a sua teimosa negativa em atender nosso pedido.

Fizemos sozinhos, mas o campo ficou cheio de tocos e pedras, de altos e baixos. Todos os dias tinha um na enfermaria com o dedão arrebentado por chutar toco.

Um dia, ao passar pelo local ele nos xingou, nos chamou de idiotas e incompetentes, que nem para fazer certo o local da prática de um esporte tão primitivo, não tínhamos capacidade.

Entrou em campo, reuniu os dois

times e a torcida. Devíamos ser umas setenta pessoas. Mandou que buscássemos ferramentas, enxadas grandes e enxadinhas de horta, carrinhos de mão, etc.

Formou dois grupos de trinta pessoas e colocou cada um numa das linhas de fundo. Ficou no centro do campo e estabeleceu as regras:

- Cada time vai arrancar toco e recolher pedra e torrões até o meio do campo. A partir do meio do campo até a linha de fundo contrária vai destruir montinhos e tapar as partes irregulares, qualquer buraco.

Depois eu vou ver quem venceu!

A partir dessa lição construímos nosso campo, coletivamente, inventando tudo o que era possível para fazê-lo da melhor maneira. E começamos a perceber a força pedagógica daquele homem obstinado.

Músicos, poetas, escritores, Salinas foi e ainda é um grande celeiro deles todos.

Comunistas, que eu saiba, só teve três: eu, Apolo Lisboa (filho de Abdênago) e Cássio Ramos! Talvez tenham surgido outros, depois de nós.

Olha, não é saudosismo não, mas, minha terra tem história, sim, senhor.

O progresso ainda é avassalador, mas é preciso que não atropela a vida e não faça dos mais humildes pasta de alimento para os poderosos, no caminho da falaciosa globalização.

Todo progresso sem a inclusão dos humildes é atroz, é falso, é farsa.

É isso que exigimos para aquela terra linda que apesar de ter substituído o fitó pela luz elétrica e ter trazido o asfalto para o lugar de nossas estradas poeirentas, as massas de pobres que transitam às suas margens continuam em igual situação que antes, só que agora em maior número.

A luz do morro fulgurante, azulada ou esverdeada, movimentando-se, aumentando e diminuindo de tamanho, o povo todo vendo, animado, tentando descobrir o que era, mas, ao mesmo tempo, desejando manter o mistério, me impressionava. Aquela luz praticamente desapareceu da Serra da Sinhaninha, e, com ela, um belo e raro espetáculo

de socialização, proporcionado pela natureza ao povo da minha cidade natal, a minha ponte entre a Via Láctea e Andrômeda, Salinas.

Por ser a capital mundial da cachaça, Salinas pode se orgulhar de produzir uma bebida que é reconhecida por todos os seus usuários como um produto de altíssima qualidade, resultante de uma ética empresarial que está em suas raízes, nas entranhas de seu povo rural, simples, hospitaleiro como nin-guém, e sério no trabalho.

De histórias como a do telegrafista que escondeu os telegramas depois de provar da Pirajibana, observamos que ainda restam os anéis depois de caírem os dedos, como reza o ditado popular do nosso Vale do Jequitinhonha.

O homem viajava numa *jardineira*, há muitos anos atrás, na estrada de terra, rumo a Salinas, para ocupar o posto de telegrafista, que estava vago há quase um mês.

As fortes chuvas de janeiro provocaram vários atoleiros, e num deles ficou presa a nossa simpática *jardineira* que, duas vezes por semana, transportava os passageiros de Montes Claros a Salinas.

Todas as tentativas foram inúteis para desatolar a mocinha. Chovia muito e a situação só ficava pior. O jeito era todo mundo descer - eram apenas seis passageiros - e buscar abrigo numa bonita casinha rural, que estava a poucos metros dali.

A hospitalidade salinense logo se fez presente. Todo mundo chegou para a cozinha, perto do fogão de lenha, da humilde mas solidária família.

O dono da casa e sua esposa ofereceram pousada aos passageiros da *jardineira*, dizendo que ali era pobre, mas que tudo estava à disposição deles.

A mulher providenciou imediatamente a matança de uns frangos e começou a preparar também arroz e feijão com pele de porco.

Coou café forte e todos tomaram, agradecidos.

Nisso, o telegrafista divisou uma garrafa de cachaça Pirajibana, bebida da melhor qualidade, fabricada pelo



finado Ney Corrêa.

O homem perguntou se podia tomar uma dose para assustar o frio. O dono da casa ofereceu-lhe uma talagada que ele tomou satisfeito entre exclamações:

- Posso tomar mais uma?

Tomou, parou um pouco, fazia quase um gargarejo com aquele líquido dos céus. Caminhou uns passos até a varandinha da casa, voltou e comentou:

- É muito boa! É daqui? Aqui faz pinga assim?

Dali a pouco o jantar estava servido: galinha ensopada, arroz e feijão com toucinho. Uma delícia de comida.

O telegrafista comia e agradecia, entre golinhos de Pirajibana, sorvidos com suavidade e discretos estalos de língua.

Que maravilha! Excelente! - dizia.

Todos foram dormir, a maioria em esteiras, pois não havia tantas camas na casa.

Noite de relaxamento to-

tal, com a ajuda da milagrosa cachacinha.

No dia seguinte bem cedo, o telegrafista foi o primeiro a acordar. Banhou o rosto e foi direto pra cozinha. Abriu a garrafa de Pirajibana, despejou no copo, lavou a boca com um gole e engoliu.

A dona da casa trouxe-lhe uns pedaços de mandioca cozida, que ele comia alternando com os goles da *marvada*.

A chuva continuava. O telegrafista agradecia, a cachaça descia. O dia todo. A hora do almoço a mesma coisa, arroz, a deliciosa galinha ensopada, e feijão com pele. E para escorregar, cachaça, a divina Pirajibana.

À noite, o nosso registrador de mensagens já estava totalmente bêbado, não sabia onde se encontrava e o que estava fazendo ali. A única coisa de que sabia era da cachaça, aquela bela feiticeira pela qual já estava totalmente apaixonado.

No dia seguinte o sol apareceu, sendo providenciada, pelo dono da casa, uma junta de bois para puxar a *jardineira*.

O telegrafista continuava seu ritual com a turma de Baco. De manhã, como desjejum, novamente a boa cachaça com mandioca.

Acertaram as contas com o dono da casa, que não queria receber nada, mas acabou aceitando porque todos insistiram.

O telegrafista foi colocado na *jardineira*, com uma garrafa na mão, a qual levava à boca de vez em quando, para continuar molhando a goela e perse-



verar no apaixonado namoro.

A *jardineira* parou em frente ao Hotel Coêlho, o único da cidade, de propriedade de seu Jimmy Coêlho, músico e maestro emérito, e sua mulher dona Energina.

Ajudaram a descer o telegrafista, que foi diretamente para o quarto, e no dia seguinte acordou perguntando pela boa e amorosa Pirajibana.

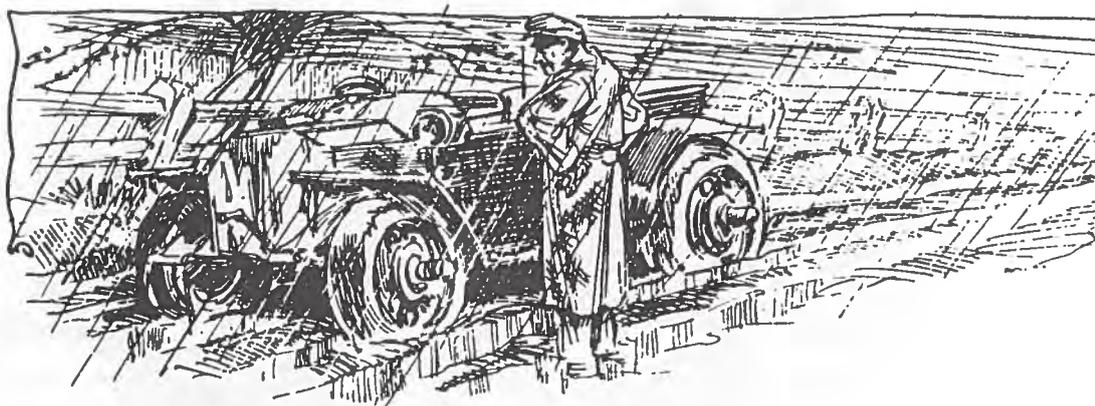
Foi para o prédio dos Correios, em companhia de seu Jimmy, e à hora do almoço ficou conhecendo o Bar do 7, do Rodrigoão, a língua mais afiada de Salinas. Rodrigoão, falante, boa praça, envolvente, provocador fino, começou a pôr o telegrafista a par de tudo e de todos em Salinas. As futricas, o comércio, os agiotas, os *pão-duro*, os ricos, os doutores, a mulherada, etc. O telegrafista, superinteressado, ouvia tudo, entre uma dose e outra, só da Pirajibana, por quem continuava perdidamente apaixonado e, dizem, que ela também, correspondendo àquele amor à primeira vista, tão leal e arrebatador.

O tempo passou. Já fazia um mês que o homem estava em Salinas e ninguém ainda havia recebido um único telegrama.

Aí sucedeu o inesperado. Delírio. O nosso mensageiro entrou em *delirium tremens*. Gritava, tentando assustar os macacos azuis, balbuciava sempre a Pirajibana. Fazia-lhe reiteradas declarações de amor, expressas com palavras e gestos de carinho. Deu bastante trabalho ao Dr. Osvaldo Santana, nosso médico de pés descalços, um sacerdote da medicina que cuidou de uma geração inteira de salinenses e não fez carreira nem riqueza com sua condição de médico. Dr. Osvaldo cuidou do telegrafista, como quem cuida de uma criança travessa, quando enferma.

Passados alguns dias, melhorou e, enquanto não voltava a beber, os mais curiosos quiseram saber por que não chegava nenhum telegrama a Salinas, ao que ele respondeu:

- Chegar, chega sim! Mas, eu achei



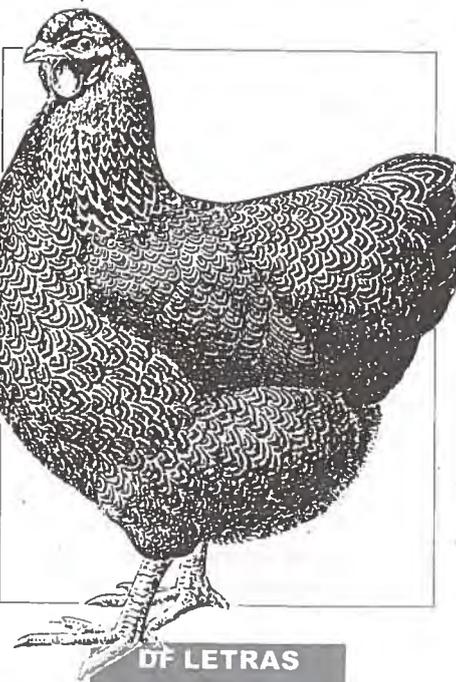
inútil entregar! Todos eles...

- Vão lá no meu quarto do hotel e olhem debaixo do colchão que vocês vão encontrar um montão de telegramas! E assim foi feito. Várias pessoas, entre elas o padre, o delegado, o médico, o Rodrigo, seu Ney Corrêa, foram lá no Hotel, e, sob o olhar atento de seu Jimmy e dona Energina, depararam com uma enorme quantidade de telegramas debaixo da cama do telegrafista.

Pegaram tudo e levaram até o hospital para conversar com o homem, que com toda cerimônia, se explicava da maneira mais lógica e humana possível.

A cada telegrama aberto, ele parava, olhava a todos e a cada um dos presentes e, em tom, ora solene, ora meditativo, ora eloqüente, ora triste, falava:

- Esse aí tá mandando dizer para a filha que vem com a esposa passar uns dias aqui.



- Imaginem quem vem aí: a sogra com o cachorro e o papagaio. Não dou esse tipo de notícia ao marido dessa jovem esposa. Vai acabar seu casamento.

- Olha esse outro, uma pessoa de Montes Claros pedindo dinheiro emprestado para fulano de tal. Ele é pão duro, não vai emprestar coisa nenhuma e se o fizer, agiota que sempre foi, vai arrebentar ele com os juros... Vai ficar pior do que está...

- Esse aqui tá parabenizando a família de ciclano pelo casamento do filho. Isto é sadismo! Casamento é força! Ninguém agüenta. É instituição falida...

- Veja que notícia mais triste: comunicado de falecimento por acidente. Parte o coração. Eu não posso assumir uma coisa dessas!

- Olha a piada: cobrança de honorários por serviços de advogado! Esse não paga nem fogo na roupa! Vai pagar advogado?

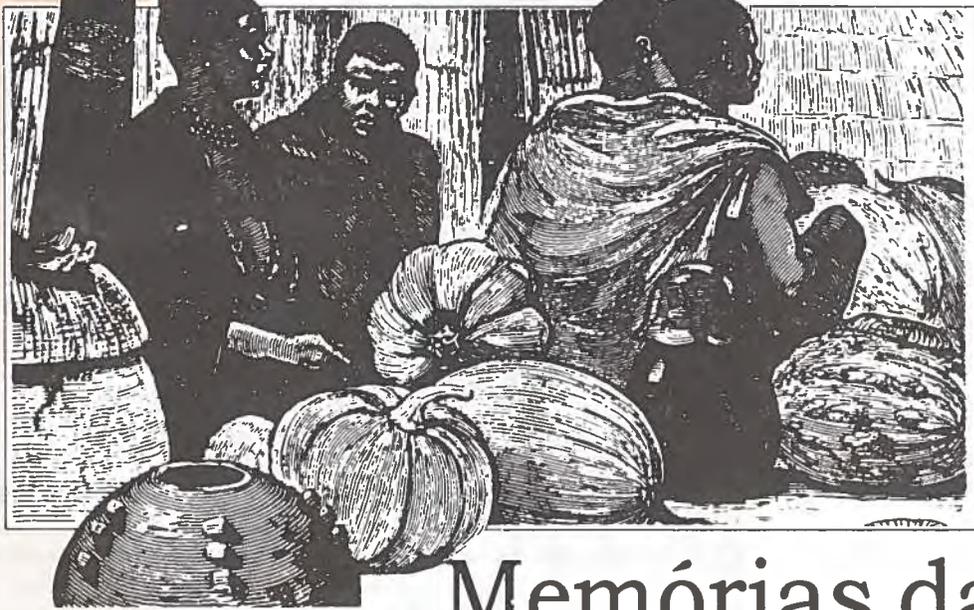
E assim, o nosso bom telegrafista que, com certeza, se transformara em anjo e não desejava ser o mensageiro das *más notícias*, tinha uma explicação pronta e cabal para as várias dezenas de telegramas que deixara de entregar.

Um homem deveras consciente.

Ao deixar o leito de convalescença, tomou a *jardineira* de volta ao lugar de onde viera, provavelmente sem saber que um dia passou por Salinas, a capital mundial da cachaça... a melhor cachaça do mundo. E que lá apaixonara-se por uma delas, a gostosa e sedutora Pirajibana.

(De *O Pirata Escarlata*)

José Antônio Prates é escritor e assessor da Câmara Legislativa do DF.



Memórias da VIOLÊNCIA da memória

Um largo, sete memórias traça um retrato na vida de uma cidade de província no final do século passado, a pequena Desterro (hoje Florianópolis). O livro parte de uma personagem real, o sapateiro abolicionista Manoel Joaquim da Silveira Bittencourt, que usava todo o seu lucro para comprar e alforriar escravos velhos...

□ REGINA DALCASTAGNÈ

Um largo, sete memórias - Adolfo Boos Jr.
Florianópolis: Editora da UFSC, 1997,
238 p.p.

A violência pode ser, a um só tempo, recurso e tema para a literatura e para as artes. Através de seu impacto, buscar-se-ia alcançar a consciência do leitor, fazendo-o mais crítico em relação à sociedade que a constitui e legitima. Mas a fronteira entre a denúncia chocante e o sensacionalismo embrutecedor é tênue - como uma simples olhadela na programação vespertina da televisão pode revelar. Como tratar do tema sem cair na banalização, na exploração das piores inclinações do público?

No final dos anos 60, falando sobre seus filmes, Glauber Rocha ensaiava uma resposta ao dizer que "quando a violência é mostrada de forma descritiva, ela agrada ao público, porque estimula seus instintos sadomasoquistas; mas o que eu

queria mostrar era a idéia de violência, e às vezes mesmo uma frustração da violência. Devemos refletir sobre essa violência e não fazer um espetáculo com ela". Dentro de uma perspectiva semelhante, *Um largo, sete memórias*, do catarinense Adolfo Boos Jr., pode ser visto como um romance sobre a violência que se faz mais denso na medida em que frustra no leitor sua expectativa de violência.

Não é que o livro não traga situações violentas: o estupro de uma moça, a castração de seu namorado, o massacre de toda uma família são narrados, mas não há ali nenhum tipo de glamourização, nenhum espetáculo. O que garante isso é a contenção da linguagem, que transporta o leitor não para o meio da cena, mas da encenação; que o leva para diante não da violência, mas de seu próprio questionamento.

Um largo, sete memórias traça um retrato na vida de uma cidade de provín-

cia no final do século passado, a pequena Desterro (hoje Florianópolis). O livro parte de uma personagem real, o sapateiro abolicionista Manoel Joaquim da Silveira Bittencourt, que usava todo o seu lucro para comprar e alforriar escravos velhos, e sua paixão por Cida, uma jovem que ele, fugindo de suas próprias normas, liberta. Chamado de "artista" Bittencourt, pelo esmero com que executava seu ofício, o sapateiro é hoje uma figura esquecida - nome de uma rua no centro de Florianópolis e nada mais.

Sete diferentes vozes (ou "memórias") narram a trama, entre elas Bittencourt, Cida e os antigos proprietários dela. Há ainda uma oitava memória na narrativa, que apresenta trechos do debate entre abolicionistas e antiabolicionistas, numa desnecessária tentativa de enquadrar historicamente o enredo - desnecessária porque a moldura histórica já é dada, de forma muito mais viva, no restante do romance.

São vozes pouco convencionais, que causam de imediato um estranhamento no leitor. Em primeiro lugar, por não serem estilisticamente diferenciadas: é o que está sendo dito que as distingue, não alguns cacoetes utilizados para fazer marcação. Mais importante, porém, é que elas não se prendem a um só ponto de vista. Ao contrário, cada uma é quase um narrador onisciente, descrevendo eventos e emoções de outras personagens. Várias delas, também, já estão do "outro lado", isto é, são *memórias póstumas*. Este estranhamento é um dos grandes trunfos da obra. O outro é o texto contido, represado, em que a narrativa prossegue como que contra a vontade daqueles que a narram.

Uma contenção que faz avultar a violência subjacente em todo o livro. Violência da sociedade escravagista, que se faz sentir contra os cativos, em especial contra a mulher escrava. Violência, mais geral, da sociedade classista, contra os pobres e os não-proprietários; do racismo, que atinge todos os negros, mesmo os forros; dos fracos, que a exercem contra os ainda mais fracos, no afã de se sentirem fortes. Violência da revolta dos oprimidos contra os opressores. Mas também a



violência da paixão, do ódio, da dúvida.

Neste sentido, duas personagens do livro se destacam. Bittencourt, o sapateiro, é a primeira delas, dividido pelo amor que alimenta por Cida, incapaz de perceber nela qualquer sobra de reciprocidade, efetivando esta paixão apenas em sonhos culposos e confusos. A outra é Pedro, o "pardo", escravo e capataz de escravos, consciente de sua abjeção mas inapto para escapar dela. Aos dois, poder-se-ia juntar Miguel, o pequeno e mesquinho proprietário de escravos, subjugado pela mulher dominadora, pela própria insignificância e perversidade, por um sistema que, tantalizando-o com a falsa promessa de ganho fácil, impede-o de buscar caminhos mais factíveis para a prosperidade.

Contraposta à espetacularização da obra de um Rubem Fonseca, por exemplo, em que a descrição crua e repetida de assassinatos e estupros serve ao propósito de chocar (e comprazer?) o leitor, a opção estilística de *Um largo, sete memórias* revela a sua força. Justamente por evitar todo o derramamento de linguagem, o livro produz uma impressão de angústia e desajuste - o sentimento que a sociedade escravista gerava e que, se pensarmos um pouco, não é muito diferente daquele que devemos experimentar hoje.

O livro junta-se, enfim, a um grupo que, na literatura brasileira contemporânea, conta com obras de Autran Dourado, Luiz Antonio de Assis Brasil, João Ubaldo Ribeiro, Roberto Gomes e outros - o da boa literatura de fundo histórico. Isto é, a literatura que questiona o presente, sem por isto fazer do passado um mero pretexto. Como dizia Eric Hobsbawm, falando sobre a História de uma forma que se aplica também à literatura: "Todos nós, inevitavelmente, escrevemos a história de nosso próprio tempo quando olhamos o passado e, em alguma medida, empreendemos as batalhas de hoje no figurino do período. Mas aqueles que escrevem somente a história de seu próprio tempo não podem entender o passado e aquilo que veio dele".

Há uma última reflexão que o romance de Adolfo Boos Jr. suscita. É um dos melhores lançamentos de 1997 e não se trata de obra de autor estreante - Boos tem mais de 40 anos de vida literária e recebeu, por duas vezes, o importante Prêmio Nestlé de Literatura. Ainda assim, seu livro foi publicado por uma editora universitária e periférica (que há anos, diga-se de passagem, vem realizando um importante trabalho de divulgação da literatura regional). Não resta dúvida de que algo está errado numa indústria editorial que é tão cega a valores que vivam à margem dos grandes centros.

Regina Dalcastagnè é professora de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília.



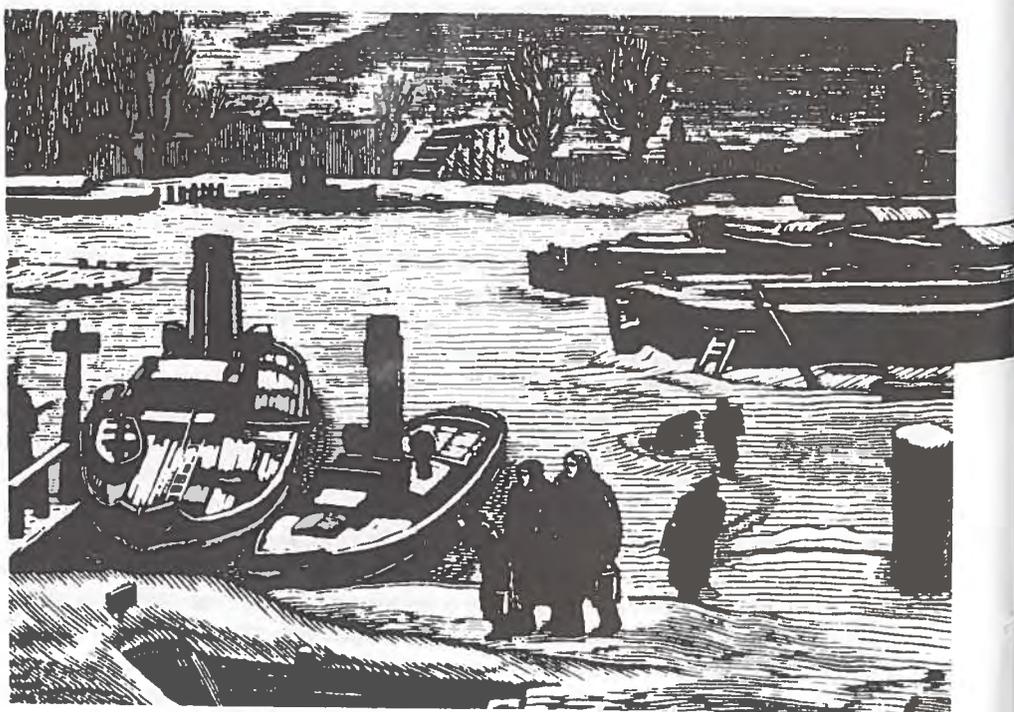
O continente e a ilha

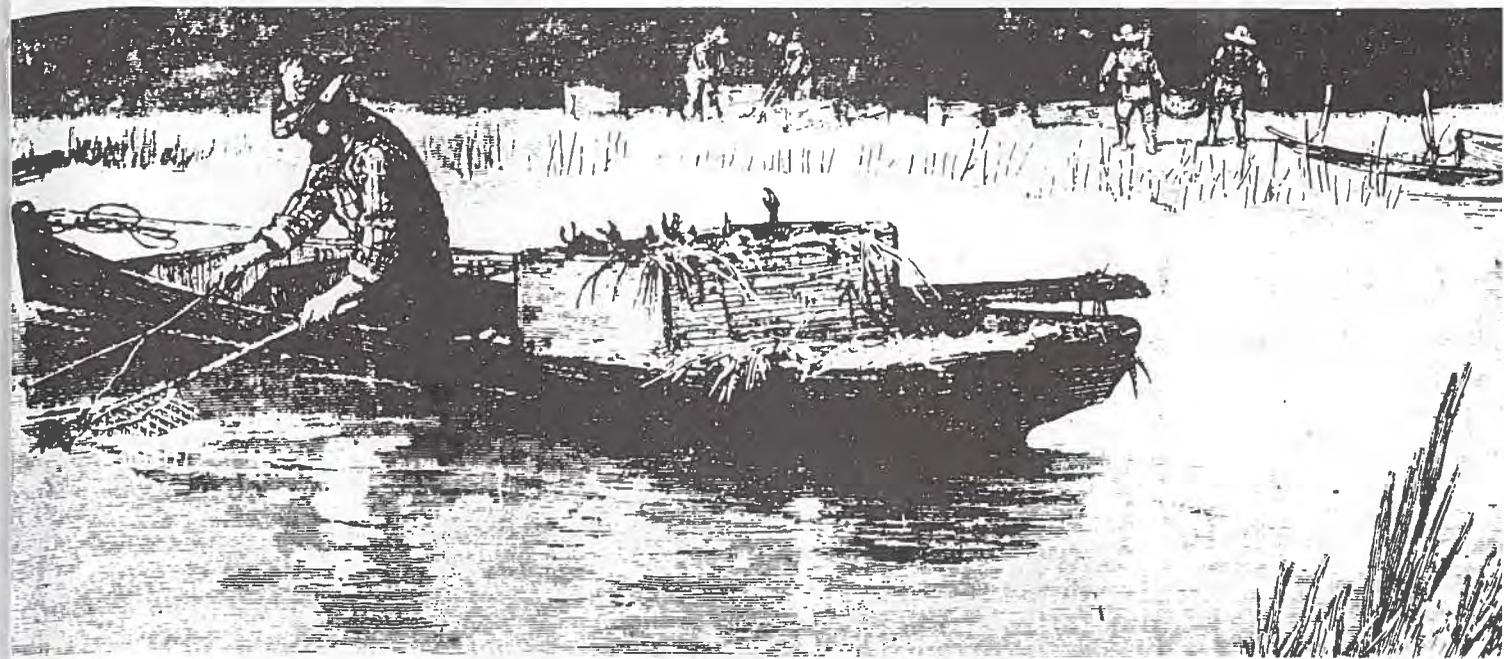
□ ASTRID CABRAL

A onipresença marinha é sentida ao longo das mais de cem páginas, seja na área vocabular, seja na imagética. O mar é a força transfiguradora da realidade imediata. Por isso o ato do amor adquire contornos marinhos... Em seu mergulho nas águas interiores, o autor se dissolve e se metamorfoseia em outras formas cósmicas.

O que ressalta à primeira leitura de *O continente e a ilha*, livro de Reynaldo Valinho Alvarez recém-lançado pela Tempo Brasileiro, é a extrema coesão da obra. Nela todos os elementos se integram, as imagens se correspondem, os detalhes se somam, contribuindo para a harmonia e altitude poéticas. Tal encadeamento atinge seu clímax formal no assíduo uso das coroas de soneto (em total de três: *Saindo da caverna*, *Razão de nave-*

gar e Reinvenção da aurora) e impõe-se no plano do significado pelo retorno quase obsessivo do tema de isolamento com suas variantes de solidão, exílio, desterro. Até a polaridade ilha/continente (o micro e o macro) é neutralizada pela avassaladora presença do mar que os envolve. Não será exagero dizer que o mar é a megametáfora estruturadora do livro. O próprio poeta afirma: "Sou mar encapelado, peixe em ruína" e, no sone-





to 12 de *Razão de navegar*, reafirma “sou o peixe”, o “peixe atormentado”.

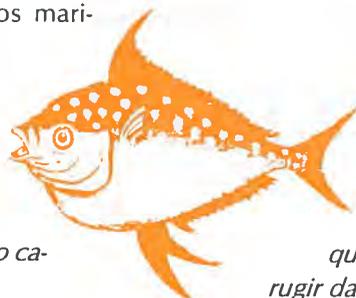
A onipresença marinha é sentida ao longo das mais de cem páginas, seja na área vocabular, seja na imagética. O mar é a força transfiguradora da realidade imediata. Por isso o ato do amor adquire contornos marinhos:

pois também gostaria de abrigar-me nessas angras amenas do teu corpo e ancorar o veleiro no canal,

para ofegar em paz sobre teu ventre.

O fato é que a leitura do livro se efetua como um périplo pelo oceano da subjetividade, viagem no dorso das ondas de reflexão ou evocação geradas pela dinâmica criadora de RVA. Se o poeta se refere ao “fardo agreste deste insulso mar”, associando-o a seu

estado emocional “Agora estou imerso nestas águas/de forte mar e fundo de desespero”, nem por isso o mar salgado das caravelas lusitanas deixa de emergir. A presença atávica assombra o imaginário deste brasileiro de ancestrais galegos:



Vim na semente e no óvulo da Ibéria salgado pela longa travessia.

Do Mar-Oceano, guardo o ouvido inquieto sempre atento ao rugir da tempestade.

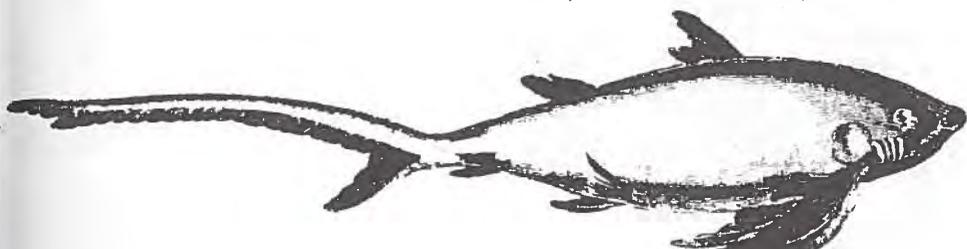
.....
O Minho, em seu fluir, fez-me o que voga sem querer, para o mar desconhecido.

Em seu mergulho nas águas interiores, o autor se dissolve e se metamorfoseia em outras formas cósmicas. “Acutilado/pelas penhas aspérrimas do medo”, transforma-se

em lagarto, serpente, ave, rio, arbustos, semente. O poema 13 do *Manual de conduta* exemplifica magistralmente a dinâmica protéica de sua imaginação poética. Tal dinâmica repercute em nível de estruturação verbal na pluralidade de ritmos. RVA é um exímio construtor do verso. Vai desde a rigorosa disciplina dos alexandrinos, decassílabos e redondilhas aos metros menos matemáticos e imprevisíveis de composições como “A miséria dos dias”, “Em tarde ser” e alguns poemas de *Manual de conduta*.

Ao reelaborar a tradição literária, RVA vincula-se primordialmente ao Jorge de Lima de *Invenção de Orfeu*, poema multiforme que amalgama de modo genial o épico e o lírico. Aqui e ali também surgem reminiscências de expressões camonianas. Mantendo alusões greco-romanas, de teor mitológico ou literário (Nereidas, Afrodite, Homero, Vergílio, Horácio, etc.) o autor vai, de modo sutil, envolvendo a contemporaneidade de uma túnica clássica capaz de inserir o presente na continuidade do passado que permanece.

Parafraseando a inquietação vital do mar, o poeta de *O continente e a ilha* oscila entre os temas sociais e in-



dividuais, simbolicamente representados pelo continente, nas composições de cunho épico, e pela ilha, naquelas de caráter mais lírico. Essa distinção é apontada pelo próprio Valinho:

*Na ilha torna-se fácil
pescar no fundo do ser
porque o campo é limitado
e há tempo para escolher*

Por sua vez, ao se debruçar sobre o amplo campo do continente americano, ele associa à funda emoção pessoal uma atitude de lúcida crítica. Tomem-se os versos:

*estou feito de ilhas
sou meu próprio arquipélago
também estás feita de
ilhas América
e és toda um arquipélago*

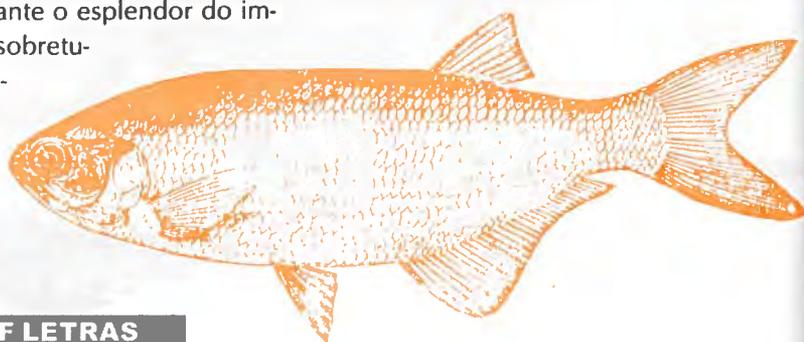
onde o dilaceramento pessoal e a disparidade sócio-econômica entre as Américas surgem associados em eloqüente imagem. A constatação da miséria latino-americana explicita-se ainda mais na pergunta:

*quem construiu a máquina do mundo
para girar sempre ao contrário
ao reverso do sul?*

Está-se, portanto, bem longe da euforia whitmaniana. A Norte-América do século XIX comportava a fé no progresso. Os tributos do capitalismo e da industrialização não esmagavam tanto os ombros humanos. Ainda não se justificava a nostalgia da era pré-industrial "antes que as chaminés fossem plantadas", quando "o mundo era dos homens". Whitman mitificava a



América dos *carols* e *chants*, mas, no limiar do XXI, o canto de Valinho jorra "pus" em vez de "flores". É denúncia em vez de louvor. Do bardo norte-americano, nosso poeta herda o sentimento de solidariedade, mas, sem poder comungar com o inocente otimismo, rompe com a visão ilusória da "athletic democracy". RVA sabe que não se cumpriu a aspiração humanitária "that no one state may under any circumstances be subjected to another state" e procede ao exorcismo dos genocídios e à evocação dos mitos pré-colombianos. Seus olhos não se deslumbram ante o esplendor do império, vêem sobretudo o sofrimento e a impotência em extirpar-lhe as causas:



*Como falar da erva que
cresce no campo
quando estou solitário
e meu gesto solidário é
paralisado
pelas bestas do
Apocalipse?*

Tanta amargura conduzirá necessariamente à gênese da utopia como saída para a sobrevivência. A despeito do desespero que se infiltra ao longo do livro, o sonho persiste:

*é possível que um dia
possamos aspirar
o perfume tranqüilo
dos bosques outonais
de Connecticut*

.....
*haverá então um momento
de paz em plena
América.*

O individualismo, dolorosamente vivido pelo poeta no mundo fragmentador da atualida-

de ("Muitos perguntam por que estou na ilha/de incansável e fundo desespero. Mas noto que não lançam ponte ou nadam / para estender-me a ponta de seus dedos"), vai encontrar sua redenção na presença amorosa do outro, na coexistência fraterna, no verbo ungido pela arte. Ao fim da belíssima mas tormentosa travessia poética, brota a canção da esperança:

*Agora é tempo de acordar a fala
silenciada sob a pedra muda
e construir a ponte para a vida.*

Tâmaras perfumadas

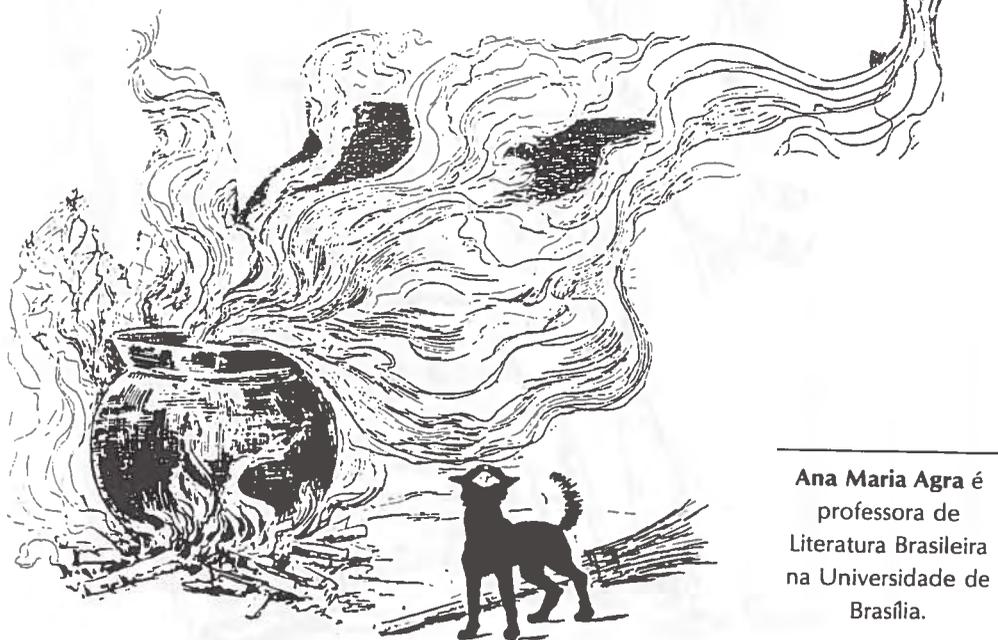
□ ANA MARIA AGRA

A alma presa nos abismos drapeados, na mistura dos tecidos de cor, dedos bordando a pergunta: O que é ser mulher? Narrativa do desejo de Amina, deslizante, fugidio. O que quer uma mulher? Esta pergunta é o fio de prata que costura Amrik.

O que é *Amrik*? É uma narrativa? É poesia? É a narrativa do pai perdido com seu grito mudo. É a narrativa da bruxa mãe, xabru, da sabedoria do tio Naim, que, cego, via. Do fogo de Chafic. Da cozinha libanesa, de sua alquimia, "cozemos em molhos os desejos dos homens". Da avó Farida, sagrada dançarina. Da imigração libanesa para a América. Narrativa de Abraão que caiu no caldeirão da bruxa, cumprindo destino igualzinho ao do pai. Ele que só queria ver de perto a bailadora dançar haialaia. Mas é, sobretudo, a narrativa de Amina o enigma de sua poesia. O que é ser mulher? Ninguém lhe deu a resposta. A mãe, a vagabunda, a grande bruxa, guardou o segredo em suas entranhas e se foi. Daí Amina se perder de sua gente, vagar, escorregar para o rio. A alma presa nos abismos dos drapeados, na mistura dos tecidos de cor, os dedos bordando a pergunta: O que é ser mulher? Narrativa do desejo de Amina, deslizante, fugidio. O que quer uma mulher? Esta pergunta é o fio de prata que costura *Amrik*. Pergunta que assustou até o velho sábio de Viena. Se a mãe era boa, fada mesmo, por que o



satanás, falando a linguagem de Deus, tentou-a no deserto? A carne é fraca? É isso o encanto? O mistério? A perdição? Tâmaras perfumadas, despertando desejos. O pai ficara preso na armadilha do mistério, do abismo. Mulher, bicho cavernoso. Buraco. O amor é grande. Prisão. A liberdade do pássaro dói. É do desejo o tecido das coisas do mundo - o desejo de *Amrik*. É na linguagem que se esconde o abismo, a revelação e mistério. O texto, desse modo, abriga o enigma. Enigma de Amina, demônio inocente; mas, sobretudo, o texto abriga a poesia que se dissimula em narrativa - tâmara perfumada.



Ana Maria Agra é professora de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília.

O velho pintor

□ AGATHA BEATRIZ

A nova história é de um pintor que, pela razão de não se sentir realizado com a sua pintura, deixa telas, tintas e pincéis. E mais, separa-se da mulher. Ela não o compreendia e nela julgava estar a razão de sua frustração. Passa a viver só, em seu casarão nos arredores de Paris.

Vejo-me retratado num filme francês que acabo de assistir.

Domingo de sol, dia alegre e eu de bem com a vida.

Hora do almoço recebo, em frente à TV, numa bandeja requintada, minha refeição, muito bem servida e com o cuidado de quem não queria que me afastasse dali para não perder o final de outro filme, este inglês, contando uma história alegre do garoto, príncipe herdeiro de um trono e seu Bode Expiatório, figura criada pelo pai imperador, para que o filho aprendesse as lições da vida pelas varadas no bumbum do outro.

O final fora feliz. Devia ter desligado a TV e ido dormir a sesta, ou fazer qualquer outra coisa. Mas, tentado pelos botões que nos transportam da Inglaterr

ra (era um país fictício), talvez do século XIII ou XIV, para o final da Belle Époque na França, continuo ali, olhos pregados na telinha.

A nova história é de um pintor que, pela razão de não se sentir realizado com sua pintura, deixa telas, tintas e pincéis. E, mais, separa-se da mulher. Ela não o compreendia e nela julgava estar a razão de sua frustração.

Continua, entretanto, vivendo no seu casarão, nos arredores de Paris, porém sozinho. Filhos, filhas, netos, noras e genros vêm passar férias com ele.

Uma filha, cujo temperamento e gênio se assemelham aos seus, está entre os que o visitam. Conversam. O velho conta suas histórias e suas frustrações. Está muito envelhecido. Arrepende-se de ter deixado a pintura e sofre pela solidão, pelo tamanho da casa, tão grande.

Talvez por sua alma de artista, e pior, artista não realizado, sua tristeza tem as proporções dolorosas do fracasso.

A filha, recém-chegada, leva-o a uma festa, enquanto os outros se divertem em casa e nos terrenos da mansão. É uma festa do interior. Bem típica daquelas dos arredores de Paris da época. Uma pequena orquestra: acordeom, piano, uma bateria discreta, só para marcar o ritmo, um instrumento de sopro e outro de cordas. Os pares dançam, enquanto pai e filha conversam sentados, à mesinha do bar montado sob um caramanchão, num dos jardins junto ao salão do baile. Ele fala de sua vida, de seu arrependimento de não ter seguido sua vocação, de sua velhice. Ele se julga muito velho. Fala dos pintores que lhe serviram de



modelo, de suas escolas, e conta que, de certa forma, os copiava. Mas que também, se tivesse prosseguido, podia ter feito sua própria escola, criado seu estilo, que, pelo menos, seria o seu estilo. E conclui: "É bom morrer por um sonho." Acrescentando: "Moisés morreu feliz porque viu seu sonho realizado: seu povo livre, sua pátria e sua fé! Você deve viver seu sonho, minha filha, lutar e morrer por ele."

A filha ouvia-o com carinho e com muita emoção. Olhos alagados de lágrimas, chama o velho pai para uma dança. E dançam como antigamente dançavam.

A princípio triste, o velho vai-se alegrando, feliz, nos braços da filha, rodopiando ao som de uma valsa. Parece um jovem dançando com a namorada.

Regressam a casa. Antes da festa a filha havia se despedido apressada. Ela corria, quem sabe, atrás de um inútil sonho de moça. O velho a detivera, discretamente, e a convidara para um chá na varanda. Ela volta e todo esse enredo se desenvolve entre o chá e o baile.

Parecia fim de férias. Todos se despedindo, inclusive a filha com quem conversara, contara de si e dançara.

Estação ferroviária. Despedidas e correria de meninos para entrar no trem. Este, soltando apressadas nuvens de vapor, fazia o ruído característico das estações das cidades do interior do Brasil. O homem da estação dá o sinal de partida. Devagar, bem devagar, o comboio se afasta, soltando em seguida um longo e triste apito, como se também dissesse adeus ao velho parado na plataforma, acenando e desejando, no coração, boa viagem aos que partiam.

Era a imagem da solidão.

Sozinho, aparentemente bem mais velho do que nos momentos que antecederam a partida dos seus, vai, passos vagarosos, buscar o caminho de casa.

Caminho percorrido dias antes por todos aqueles que agora o deixavam.

Devagar vai, sozinho, passo a passo, bengala quase solta na mão, andando até alcançar o largo portão de ferro de sua casa. Segura uma das barras e pára pensativo. Demora-se ali. Parece que vai chorar. Levanta um pouco a cabeça. Seus olhos se alongam pela vizinhança e se detêm extasiados. Duas meninas lindas, com seus, talvez, dez e nove anos de idade, brincam, cheias de vida, pulando corda, com aquela alegria própria de crianças felizes e sonhadoras. Principalmente cheias de futuro, de fantasias e sonhos.

O velho, resoluto, empurra o portão e entra. Com voz firme, pede à criada que lhe sirva o chá no atelier. (A criada agora era a única companhia naquela casa enorme que estivera cheia até momentos antes.) No atelier descobre, com gesto largo, sua última tela, coberta ali há tantos anos por um pano já escurecido pelo tempo. Vê que sua pintura é boa e que vale a pena continuar. Recolhe o velho quadro. Busca uma tela nova, lisa, branca, e senta-se à sua frente para sonhar. Sonha com uma paisagem linda, vista de sua janela, e vai, naquele devaneio, realizar seu sonho para morrer feliz.

A partir desse final do filme meu domingo também mudou. O coração estava doído, um sentimento de tristeza tomando-me o corpo. Procurei reagir. Pensar nos meus sonhos. Ver

se o havia realizado. Se interrompi alguma coisa que valesse a pena ser concluída ou retomada e acabei aqui nesta mesa, sentado, a passar para o papel este estado de alma que deve estar presente em todos os que já passaram pela vida e estão vendo aproximar-se o dia de seus últimos passos na longa estrada.

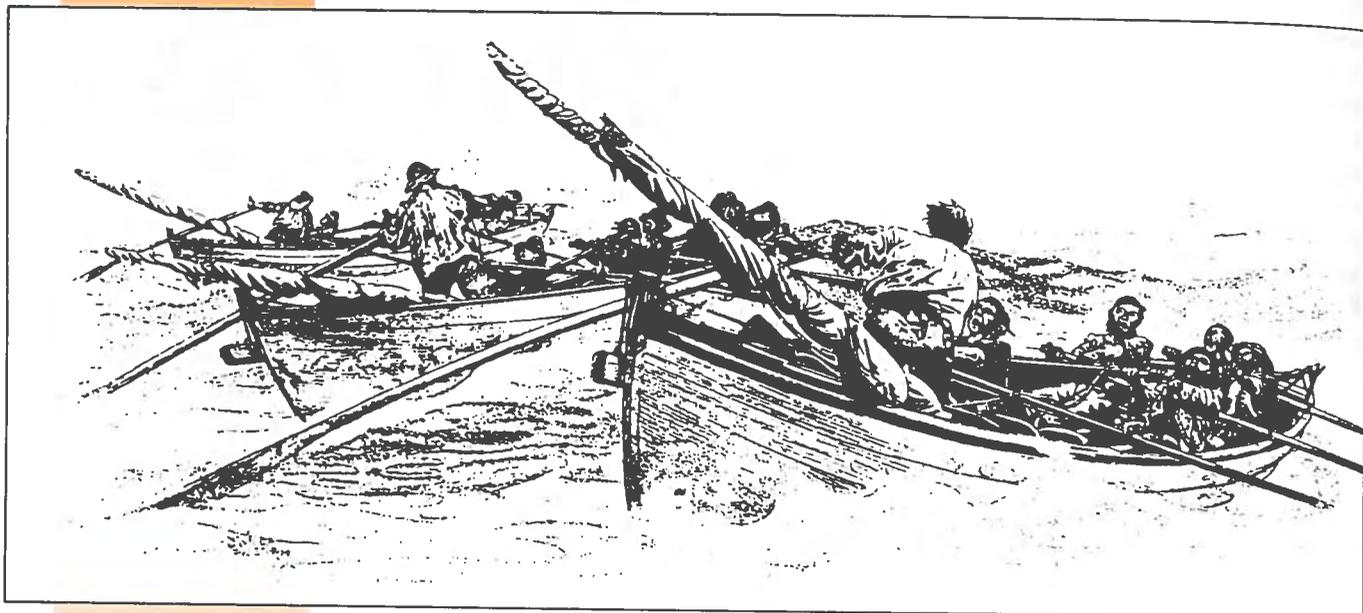
Vi-me como o velho do filme: só.

Tive vontade de chorar. Contive as lágrimas e fui brincar com minha última bisneta, Agatha Beatriz, que vai nos deixar amanhã para morar em outra cidade.

Como o velho do filme, também me refiz naquela criancinha que já anuncia seus primeiros passos e que terá suas fantasias e seus sonhos realizados, se Deus quiser. Nela pressenti o futuro. Percebi que, por amá-la, devia permanecer na luta que me impus desde cedo. Que poderia, por ela, ou nela, ainda buscar realizações que já havia deixado de procurar. Pude sentir, enfim, como o velho pintor, que a vida não terminara para mim. Havia ainda filhos, netos e bisnetos.

O afago daquela criancinha trouxera-me de novo à vida.





Duas produções da Província Literária do Ceará:

Esse romance de Caminha, raro, imprevisto, que não teve a repercussão no País que deveria ter tido, obteve afinal a sorte de encontrar uma analista de amplos poderes. Muitos são os pontos singulares apresentados primordialmente por Luiza.

□ CASSIANO NUNES

Um romance e uma tese excepcionais

Há um bom número de anos, em virtude de minhas atribuições no Departamento de Letras da Universidade de Brasília, conheci a mestranda cearense Luiza Nóbrega e li a sua tese sobre *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, autor que também teve sua origem no Ceará, província literária das mais importantes no Brasil. Tive, então, a oportunidade de apreciar a boa qualidade da tese e de admirar o talento da jovem estudante. A tese foi aprovada e automaticamente arquivada, o que acontece com a maioria das teses que, entre nós, são aprovadas. Infelizmente, não chegam a ser divulgadas. Anos de leituras e pesquisas, revelações surpreendentes e finas observações, tudo isto acaba encerrado num arquivo e ninguém mais toma conheci-

mento desses trabalhos por mais valiosos que sejam. Há qualquer coisa de "teatro de absurdo" - de Beckett ou Arrabal - nesse procedimento lamentavelmente regular. Afortunadamente, fui agora informado de que há oportunidade de publicação da dissertação de Luiza Nóbrega. Convidado amavelmente por ela para prefaciar essa edição, fui reler a tese e fiquei surpreendido - não obstante o conhecimento anterior do trabalho -, com o alto nível da obra. Já esquecera, em grande parte, as reflexões e processos críticos apresentados na rica exposição.

Para justificar o feliz resultado da dissertação a respeito do excepcional romance de Caminha, devo, em primeiro lugar, dar relevo aos múltiplos pendores intelectuais e artísticos de sua autora. Conheci Luiza Nóbrega fundamentalmente como artista plástica e poetisa que, de modo natural, se prolongou em ensaísta sagaz e bem formada, além de estudiosa de assuntos esotéricos. De todos esses privilégios mostra marca na feitura da tese "Um Romance Maldito - O Triunfo de Lúcifer sobre o Arcanjo *O Bom Crioulo* de Adolfo Caminha", terminada em junho de 1986.

Esse romance de Caminha, raro, imprevisito, que não teve a repercussão no país que devia ter tido, obteve afinal a sorte de encontrar uma analista de amplos poderes. Muitos são os pontos singulares apresentados pri-

mordialmente por Luiza. O principal deles decorre da firme e clara proposta da fusão de elementos naturalistas e simbolistas no romance do ex-oficial de Marinha, e que mostra como o discípulo de Zola se relacionou com o titanismo de Cruz e Sousa. Foi, aliás, esse ideal titanista que levou o poeta negro à genialidade dos *Últimos Sonetos*. Pelo menos, foi isto o que propus no ensaio "Cruz e Sousa e o Mito do Poeta como Herói Moral". Realmente perturbou o espírito dos literatos patricios, que tendem a ver tudo compartimentado, o fato do naturalista de *A Normalista* ter sido dos primeiros a reconhecer o gênio de Cruz e Sousa, corifeu do simbolismo.

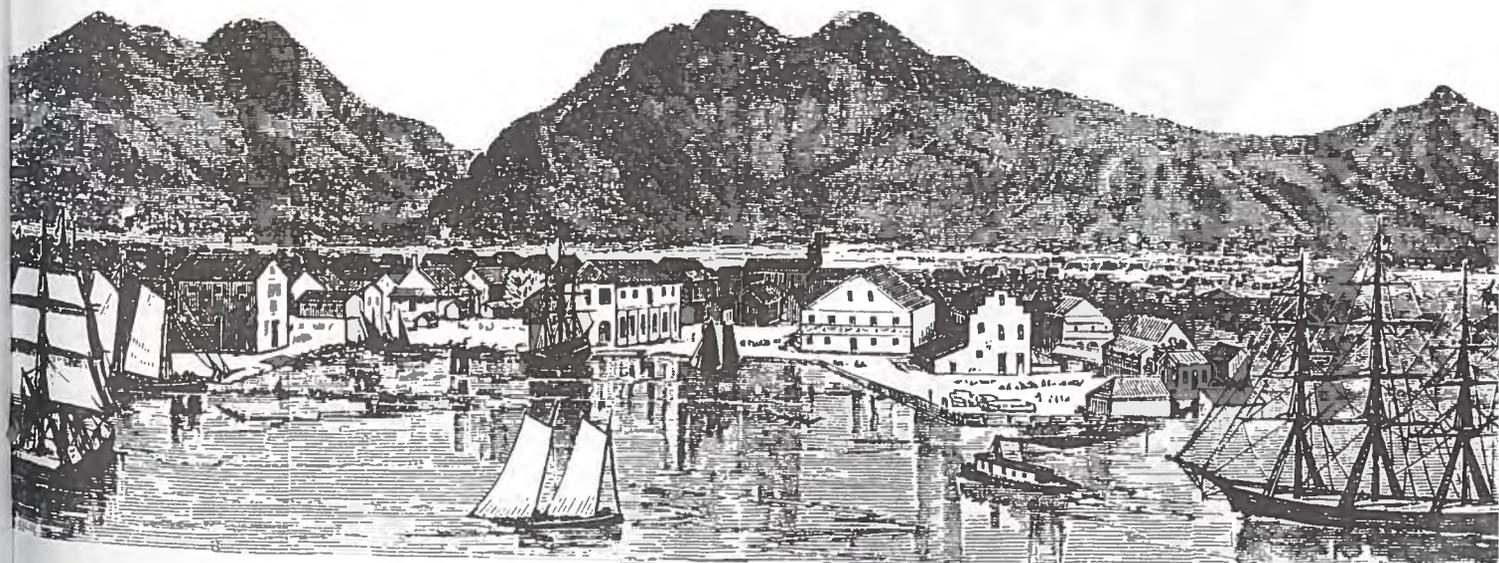
O estudo da mestra cearense sobre *O Bom Crioulo* não se limita a pôr em prática um único processo de análise. Embora privilegie o cabedal comparatista, a analista dedica-se também ao emprego de outros métodos interpretativos como acontece quando usa a análise estilística, de que temos, no país, excelentes exemplos.

Atenta à genealogia das idéias, não escapa também a Luiza a possível origem do titanismo de Cruz e Sousa em Castro Alves. A autora da tese, corajosa, traz ainda para a sua análise comparatista tanto *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, como *A Morte em Veneza*, de Thomas Mann. A poesia de Mallarmé também comparece ao

percurso interrogativo. E o encerramento das comparações acontece com duas novelas marítimas extraordinárias de Melville, Benito Cereno e Billy Budd, que reuni no volume intitulado *Os Dramas do Mar*, lançado pela popular e benemérita Coleção Saraiva. Não foi o autor do *Moby Dick* o único autor importante norte-americano que lancei através desse empreendimento editorial vitorioso. O primeiro romance de Henry James apareceu no Brasil também por intermédio da Coleção Saraiva, que teve longa duração, nesta nação pouco dada à permanência, à continuidade.

Entre muitas idéias novas lançadas por Luiza a respeito do romance máximo, solitário, de Adolfo Caminha, destaco o simbolismo das cores, perquirição decerto estimulante para uma *scholar* que é, ao mesmo tempo, desenhista, pintora e mente devotada aos estudos esotéricos.

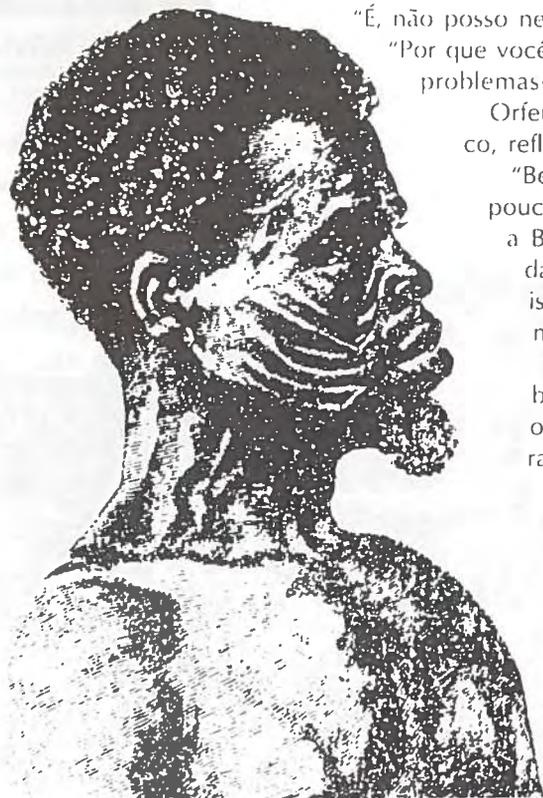
Terminada a releitura dessa memória excepcional sobre uma obra tão indômita quanto complexa, e que foi anunciadora de novos tipos de comportamento social, encerro estes comentários expressando um forte desejo: o de que, neste país adverso à inteligência, Luiza Nóbrega não se desvie do seu itinerário criativo, pois temos boas razões para esperar outras obras do seu espírito, que venham dar mais prestígio ao nosso patrimônio cultural.



O Motor de Iemanjá

□ LUIZ MANZOLILLO

"Meu filho", iniciou o pai-de-santo com um pequeno muxoxo, "você demorou muito a se render aos apelos passados do coração, perdeu oportunidades, até se arrependeu, não é, filho?" Orfeu balançou a cabeça e o velho prosseguiu: "Mas agora tá se apaixonando de novo, não é? E já lá vão surgindo as dúvidas de novo, não é mesmo?"



Afastou a cortina barata e entrou com certa hesitação no cubículo humilde. Cumprimentou o velho de tez parda e sentou-se à frente dele no tamborete de madeira tosca. O velho baforou o cachimbo, resmungou alguma coisa ininteligível à guisa de oração e jogou os búzios. Logo começou a falar do passado do cliente de primeira vez. Poucos minutos e Orfeu já estava impressionado com a precisão das informações.

Em seguida, a pedido do cliente, o velho foi pelo futuro - a saúde, a profissão.

"E o amor, Vô?"

"Meu filho," iniciou o pai-de-santo com um pequeno muxoxo, "você demorou muito a se render aos apelos passados do coração, perdeu oportunidades, até se arrependeu, não é, filho?" Orfeu balançou a cabeça e o velho prosseguiu. "Mas agora tá se apaixonando de novo, não é? E já lá vão surgindo as dúvidas de novo, não é mesmo?"

"É, não posso negar..."

"Por que você não me fala desses problemas?"

Orfeu demorou um pouco, refletia.

"Bem, é que já sou um pouco andado na idade e a Beiji, minha namorada, é bem mais nova; isso não é um problema?"

O velho cachimbou, baforou, os olhos se lhe apertaram num meio sorriso.

"Até que poderia ser, na maioria dos casos. Mas o seu, talvez, seja até um adjutório. Veja bem, meu filho: você andou, perambulou, cuidou

da família e da carreira, já lá vão cinco décadas na carne, não é?"

"É, de fato..."

"Então, meu filho, se ela gosta de você, como os búzios confirmam, essa coisa de diferença de idade não vinga, não. Você não gostaria de casar com essa moça?"

"Ah! Isso eu gostaria, e muito. Bem, a única dúvida, além da diferença de idade..."

"Não, não diz nada; essa dúvida eu tou vendo aqui nos búzios; mas já está sumindo do seu espírito, nem vale a pena comentar. O negativo passado não se comenta."

Já confiante, Orfeu quis saber mais.

"O senhor, então, acha mesmo que eu devo casar com a Beiji?"

"O velho não acha nada, quem tem de achar é você, eu só posso aconselhar. Mas o que você não deve saber é que Beiji é um nome derivado da língua iorubá e significa Iemanjá, a Rainha das Águas, as mansas águas espirituais. Ela não é uma pessoa tranqüila, voltada para as coisas espirituais?"

"Bem, isso ela é sim..."

"E você, que é um sujeito muito dinâmico, não era apelidado de Casa de Motor?"

Orfeu se impressionava ainda mais com a descoberta do velho, crescia sua admiração por ele.

"É, o senhor adivinhou: na verdade meu apelido se deve ao fato de que eu era agitado, não parava um minuto, acho que ainda sou assim..."

O velho sorriu um tanto enigmático, prosseguiu.

"Pois é, você tem muita energia, nem parece ter a idade que tem; vai viver muitos anos. Assim, nada melhor do que casar, você e a Beiji." Baforou o cachimbo, concluiu. "Esse casamento vai dar certo, com a graça de Deus e a proteção dos Pretos Velhos. Daqui pra frente, você vai ser o Motor de Iemanjá."

O fel da inveja

□ BRASIGÓIS FELÍCIO

A inveja é uma doença a roer a alma e as vísceras de quem por ela se deixa envenenar. Toda a existência de quem é possuído por seu hálito de peste é marcada por angústia e sofrimento. Angústia por não poder - ou não querer - ter a força, a luz e a inspiração da pessoa invejada; porque o invejoso se satisfaz na destruição do "outro", ao invés de se alimentar de seu próprio crescimento. O invejoso sente que perde alguma coisa vital, sempre que o outro ganha. Para o invejoso, o que o outro conquista é para ele uma perda irreparável. Quanto mais o rico se enriquece, mas o invejoso se empobrece, podendo este ser até um milionário (pobre é aquele que se sente pobre). Acossado pelo tormento de só navegar nas águas do rancor, o invejoso se envenena com o seu próprio fel. O contrário ocorre com a criatura que ama (e por isso se liberta de si mesma). Quem ama por ofício tem que ter um amor vastíssimo. E jamais se empobrece. Antes, a cada perda, depois de cada ferida, fica cada vez mais rica.

Embora seja difícil acreditar, a verdade é que, entre poetas e artistas, existe mais hipocrisia e mesquinhaaria do que pode supor a vossa vã filosofia. Sobretudo, há muita inveja - embora seja parco o dinheiro circulante. A inveja, no ambiente artístico, dá-se menos pela força da grana do que pela aura e pelo bafo da glória. Pior do que a inveja dos pequenos, que estão na base da pirâmide, é a mesquinhaaria dos que estão no topo, sentindo-se donos do sol, ou querendo mesmo ser uma espécie de divindade solar. Este tipo de invejoso - o pior, dentre todos - isola-se em uma redoma de cristal, só admitindo áulicos à sua volta. Ninguém pode passar de ser inseto, a voar (e suicidar-se) em volta da lâmpada que eles pensam ser. Os "satélites da divindade" só podem crescer até o ponto em que suas forças podem manter o "luminado" no topo da pirâmide. Os que têm luz própria fogem

do abraço sedutor, resistindo à atração gravitacional do buraco negro, que tudo atrai, porque é nada, somente abismo atraindo criaturas abissais.

Tais pensamentos vieram-me à mente quando conversava com um pintor goiano, em seu ateliê, sobre a grandeza artística e a pequenez humana de alguns ícones e mitos de nossas letras e artes. Tendo, por seus méritos, chegado à consagração e ao sucesso, dinamitam os caminhos dos que

tentam, pelo talento, caminhar pelas trilhas por onde passaram. Como chegaram primeiro ao sucesso, lidam com a glória como se esta fosse propriedade particular, registrada em cartório. Eles temem que, vindo a crescer os jovens talentos, possam diminuir. Como se a vida fosse uma corrida de cavalos, onde só tem direito à luz do sol

quem chegar primeiro. E para que ninguém, a não ser o grupo de áulicos, conheça suas fraquezas, escondem-se atrás do mito, enquanto a província basbaque canta hosanas à sua glória imorredoura: "Ele é o único. É o maior! O maior! É melhor e não faz mal!" Faz, sim! Como se, apesar de tudo o que fizemos, nossa província bovina tivesse que ser uma quermesse agropecuária, animada pela claque dos programas de auditório. Nada desgasta mais, a um glorioso antigo, do que uma glória nova. Apesar da resistência, e da sabotagem que se instala, quem tem alma e mensagem rompe a escuridão da província e emerge para a luz - pois traz em si a luz radiante, que pode ser adiada, mas jamais será silenciada.

Os novos e os antigos ricos constroem altos muros em volta de suas mansões para se defenderem do olhar e da cobiça dos pobres. Eles não sabem que, assim fazendo, acabam prisioneiros de suas riquezas, de si mesmos, e de seus imensos medos. Senhor, tende piedade dos que se sentem derrotados na vitória dos outros. E se piedade vos sobrar, Senhor, tende piedade de mim!



Os novos e antigos ricos constroem altos muros em volta de suas mansões, para se defenderem do olhar e da cobiça dos pobres. Eles não sabem que, assim fazendo, acabam prisioneiros de suas riquezas, de si mesmos, e de seus imensos medos.



Câmara Legislativa do Distrito Federal

Presidente: Lucia Carvalho
Vice-Presidente: Luiz Estevão
1º Secretário: José Edmar
2º Secretário: Benício Tavares
3º Secretário: João de Deus

Conselho Editorial

João Carlos Taveira, Chico Nóbrega, Flávio Kothe, Afonso Ligório P. de Carvalho, Margarida Patriota, João H. Serra Azul, J. Simões, Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, Lenine Fiuza, Palmerinda V. Donato, José Geraldo, Fagundes de Oliveira, Francisco G. de C. Dourado (Amargedon)

Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Randal Junqueira
Editor DF Letras: Chico Nóbrega
Programação Visual: Marcos Lisboa
Editoração Eletrônica: Apolo Guandalini
Capa: Equipe da DF Letras

Fotografia: Fábio Rivas, Silvio Abdon, Carlos Gandra e Rinaldo Morelli
Revisão: Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar e Vania Maria Rego Codeço

Ilustração: Ana Caçador
Digitação: Gilberto Lucas, Chrissoula Pappas e Sérgio Cáceres

Chefe da Seção de Editoração:
Ivan Carvalho

Equipe:
 Antônio Eufrauzino, Cláudio de Deus, Cláudio Gardin, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Márcia Machado, Marizete Amaro, Nelci Stein, Oscar Monterrojas e Teobaldo André
Chefe da Seção Gráfica:
 Eucyr Muniz da Silva

Equipe:
 Abimael Amorim, Adeilton Godoy, Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Edson de Lima, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonas Martins, José C. de Sousa, José Gomes, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Otíniel S. Fonseca, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Sebastião Peres, Silvio R. Fonseca e Vicente Lima

Tiragem: 5 mil exemplares
 Esta edição compreende os números 51/53, meses de abril, maio e junho/1998.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo delas.

Redação: CEPG
 Fones: (061) 348-8412 e 348-8959
 Fax: (061) 348-8413
 Câmara Legislativa do Distrito Federal
 SAIN - Parque Rural
 CEP 70086-900 - Brasília-DF
 Fone: (061) 348-8000

Inscrição

Venho, por meio desta, agradecer o recebimento da DF Letras e solicitar gentilmente a V. Sa. a possibilidade de publicar na sua próxima edição a chamada na íntegra: "O Cultural Cooperarte comunica aos escritores brasileiros que estarão abertas até o dia 30 de junho de 1998 as inscrições para sua antologia poética nº 26 e que os autores interessados em participar deverão escrever pedindo informações aos cuidados de Sidney Gomes da Silva".

Cultural Cooperarte
 Rua Açucena, nº 8 -
 Bairro Serra Dourada 2 -
 Serra - ES - Cep: 29171-540.
Sidney G. da Silva - ES

Ensaio

Recebo regularmente a DF Letras e parableno o nº 44/46, principalmente pelo ensaio de Pedro Jorge Salvador sobre Carlos Drummond de Andrade.

Anita Costa Prado - SP

Merecedor

É com alegria que venho recebendo DF Letras - A Revista Cultural de Brasília, uma grande iniciativa cultural, com um projeto gráfico agradável, e rica em informações.

Brasília deve se orgulhar do trabalho de vocês - e todo o Brasil - num momento em que o setor cultural (livros, jornais literários, editoras, estudantes, professores, universidades, escritores, etc.) vem sendo subjugado por uma política bisonha e corrosiva, de indiferença e cinismo.

Obrigado pelo esforço empreendido, de ma-

Universidades

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a Universidade Católica de Petrópolis enviaram correspondência à redação da DF Letras pedindo para serem incluídas na listagem de nossos leitores.

As solicitações foram feitas pelas bibliotecárias Maria das Neves F. L. Kruger e Lucia Regina Vianna Oliveira. A partir dos próximos números, as bibliotecas dessas universidades estarão recebendo a DF Letras.

neira útil e objetivando a coletividade.

Nos dois últimos exemplares recebidos (nºs 39/43 e 44/46), há que se destacar as entrevistas de Cassiano Nunes e Altimar Pimentel a João Carlos Taveira; o texto de Anderson Braga Horta, "Brasília - um Panorama das Letras"; os excelentes trabalhos de Pedro Jorge Salvador sobre o nosso maior poeta, Drummond, e o de Branca Bakaj sobre Anderson Braga Horta, um poeta igualmente merecedor de aplausos; além do poema de Artur da Távola e o Rilke, de Anderson Braga Horta. Só um senão: ainda acho poucas as páginas de publicação para poesia. Que tal aumentá-las?

Tanussi Cardoso - RJ

Satisfação

Creio ter já acusado recebimento da DF Letras 44/46, mas, na dúvida, resolvi manifestar novamente a satisfação à grande qualidade da DF e ao estimado editor. A homenagem a Drummond foi algo bárbaro, comentário e estudo de primeira qualidade, rico em detalhes, sem dúvida, minucioso em todos os pontos da vida de tão grande poeta e escritor. Outro ponto culminante é a entrevista

a Altimar Pimentel sobre seu trabalho de catalogação de poemas de cordel criados de forma oral por esses maravilhosos contadores de estórias; sem dúvida, grande cultura brasileira desvalorizada pela mídia cultural e artística.

Outro grande marco é o encarte da DF que traz matérias sobre a fundação de Brasília, comentando os dois livros "Meu testemunho de Brasília" e "Reminiscências soltas de um candango". Em particular gostei da resenha de "Meu testemunho de Brasília"; infelizmente não encontrei tal livro aqui nas livrarias do Rio.

Em tudo DF está de parabéns; continuo divulgador da arte poética desta capital.

Dirceu de Amorim - RJ

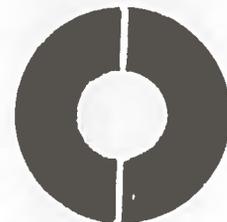
Imprensa

Com os meus agradecimentos, tenho a máxima satisfação de acusar o recebimento dos nºs 39/43 e 44/46 da revista DF Letras. Uma publicação de altíssima qualidade em tudo: no conteúdo e no feito gráfico. Parableno a todos que elaboram essa brilhante revista cultural que enriquece imensamente a cultura e a imprensa brasileira.

Marina - MS

TV DISTRI TAL

Desde o dia 5 de maio, os moradores do DF já podem acompanhar ao vivo as sessões da Câmara Legislativa, no canal 9 da NET. A estréia da TV Distrital aconteceu no dia 21 de abril, data do 38º aniversário de Brasília. A maior parte da programação, exibida em caráter experimental, é dedicada à divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelos deputados distritais.



Gravuras

O artista plástico britânico, Allen Jones, realizou no período de 8 a 26 de abril, na Galeria Athos Bulcão, Anexo do Teatro Nacional Cláudio Santoro, uma exposição de gravuras. O evento foi uma realização da Cultura Inglesa e do British Council.



Salão do livro

Faz parte do programa atual da Academia de Letras de Brasília aumentar e estimular o intercâmbio com as Academias de Letras nacionais e internacionais.

Da mesma forma, durante os seus quatro mandatos consecutivos, Mauro Castro tem realizado, com sucesso, viagens culturais ao exterior.

Na França, tendo o Brasil como convidado de honra, participou do 18º Salão do Livro de Paris. Em face do acontecimento internacional a Academia fez um trabalho junto aos órgãos oficiais, remeteu exemplares da sua revista oficial (*Arcádia*), assim como a listagem completa dos acadêmicos e respectivas obras.

Antunes premiado

O Ministério da Educação e Cultura da Espanha acaba de divulgar os nomes dos artistas escolhidos para as *Estancias del Instituto Nacional de las Artes Escénicas y de la Música*. Um brasileiro está entre os ganhadores: o compositor Jorge Antunes, de Brasília.

O prêmio consiste em uma viagem a Madrid para estada de um mês durante o qual Antunes realizará pesquisas e comporá uma obra eletroacústica nova no LIEM (*Laboratorio de Informática y Electrónica Musical*) do Centro de Arte Reina Sofia. O maestro Jorge Antunes programou sua estada em Madrid para o período de 1º a 30 de julho deste ano. Jorge Antunes, que é reconhecido internacionalmente como o precursor da música eletrônica no Brasil, trabalha nesta área desde 1962.

LIVROS

A DF Letras tem recebido uma grande quantidade de livros enviados pelos próprios autores ou por suas editoras. Por falta absoluta de espaço deixamos de acusar o recebimento de várias obras, entre elas o *Musical da vida*, livro de poemas de Miguel J. Malty, *Nossa gente, nossa arte*, antologia de poemas nº 25, editada pela Cultural Cooperarte, selecionados por Sidney Gomes da Silva, e *Lázaro e Messe*, de autoria do poeta Iacyr Anderson Freitas. Agradecemos a todos.

Cidadão honorário

"Antes eu convivia com uma mentira: quando alguém me perguntava de onde eu era eu dizia que era de Brasília. Agora, mais do que nunca, isso não é mais mentira". Foi o que disse o cantor e compositor Oswaldo Montenegro, ao receber o título de Cidadão Honorário de Brasília, no dia 16 de abril do corrente ano, no plenário da Câmara Legislativa. Foi uma das sessões solenes mais concorridas da Casa, e contou com a presença de alunos da Ceilândia que participavam do projeto Cidadão do Futuro. Montenegro cantou, emocionado, duas das canções que fez em homenagem a Brasília.

Ao agradecer o título, o artista ressaltou que Brasília tem uma importância fundamental em sua vida, pois foi aqui que conheceu as pessoas que lhe possibilitaram fazer o que mais queria: arte.

Literarte

Recebemos em nossa redação o exemplar nº 155 do Alternativo Cultural Literarte, de abril deste ano. Além do noticiário e das poesias de boa qualidade editadas pelo jornalista Arlindo Nóbrega, em São Paulo, o informativo trouxe em sua capa a reprodução de uma das páginas da DF Letras, o ensaio do poeta e escritor Anderson Braga Horta, nº 39/43. Agradecemos e nos sentimos lisonjeados com a homenagem. Obrigado!





Em 1995, o Suplemento Cultural da Câmara Legislativa do DF ousou. A ousadia consistia, na época, em apostarmos na mudança do formato e na linha editorial do jornal tablóide DF Letras. Há três anos, publicamos a primeira revista DF Letras, a de nº 15/16, nos meses de maio/junho. A capa estampava uma foto, em policromia, de uma criança carregando um cacho de bananas e o título "Yes, nós temos cinema", quando comemorávamos os 100 anos de cinema no Brasil. De lá para cá, consolidamos o formato da revista, hoje um ponto de referência no meio literário, não só do Centro-Oeste, mas também do resto do país. No editorial daquele número, o então Coordenador de Editoração e Produção Gráfica, jornalista Nelson Pantoja, afirmava que "de ousadia em ousadia, a DF Letras imprime em suas páginas o espírito da Câmara Legislativa do DF que, ousada, não hesita em divulgar a cultura do nosso povo".

A ousadia permanece em nosso espírito e continuaremos a ser uma trincheira dos escritores de Brasília.

A
ousadia
que
deu certo